

**Fundação Oswaldo Cruz
Escola Nacional de Saúde Pública**

**A MIGRAÇÃO EM UM NOVO CONTEXTO SOCIOCULTURAL:
- O PROVISÓRIO-PERMANENTE**

Eliane Chaves Vianna

Rio de Janeiro
1998

**A MIGRAÇÃO EM UM NOVO CONTEXTO SOCIOCULTURAL:
- O PROVISÓRIO-PERMANENTE**

por

Eliane Chaves Vianna

Dissertação de Mestrado Apresentada à Escola Nacional de Saúde Pública Fundação
Oswaldo Cruz, para obtenção do título de Mestre em Saúde Pública

Orientador:

Paulo Duarte de Carvalho Amarante

Rio de Janeiro

1998

FICHA CATALOGRÁFICA

Eliane Chaves Vianna

A migração em um novo contexto sociocultural:
o provisório-permanente\Eliane Chaves Vianna
1998. 104p.

Orientador: Paulo Duarte de Carvalho Amarante.
Dissertação (Mestrado).–Escola Nacional de Saúde Pública
Fundação Oswaldo Cruz, Saúde Pública – Saúde Mental.

1.Migração. 2. Mudança. 3. Contexto Sociocultural.
4.Estranhamento. 5. Teses

I Amarante, Paulo Duarte de Carvalho. II Escola Nacional de Saúde
Pública. Saúde Mental. III. Título

ELIANE CHAVES VIANNA

A MIGRAÇÃO EM UM NOVO CONTEXTO SOCIOCULTURAL:
- O PROVISÓRIO-PERMANENTE

Dissertação de Mestrado apresentada à
Escola Nacional de Saúde Pública,
Fundação Oswaldo Cruz para obtenção do
título de Mestre em Saúde Pública.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Paulo Duarte de Carvalho Amarante – Orientador / ENSP

Prof. Dr. Otávio Cruz Neto / ENSP

Prof. Dr. Ademir Pacelli Ferreira / UERJ

Rio de Janeiro
1998

À pequena Júlia,
o verdadeiro fruto de minha garimpagem.

Agradecimentos

A Jorge pelas broncas e “empurrões”, imprescindíveis em nossa atual fase de vida.

A toda a minha família, que torceu, apoiou e ajudou em minha saga migrante, entendendo a condição de provisoriedade.

À Deusa Barreto, pela força e amizade de sempre

A Eduardo Mendonça pela co-orientação e socorro nos momentos decisivos da elaboração do projeto de pesquisa.

À Universidade Federal de Roraima, pela oportunidade que me proporcionou, facilitando a trajetória de mestranda.

À Direção e aos funcionários do Hospital Geral de Roraima, que tornaram possível este estudo.

E a todos os professores pelo suporte teórico.

A Pacelli, pela recepção e análise do Provisório-Permanente, e principalmente à Margarete por sua bondade e interesse em apresentar “A Migração e suas Vicissitudes.”

À Lêda Rebello, uma “migrantóloga”, sempre preste a ajudar, à Laura Nogueira, pelo companheirismo e amizade nos tempos de Boa Vista e do mestrado e a todos os colegas da Saúde Mental.

Aos pacientes, alunos e amigos que contribuíram para minha construção profissional e pessoal.

SUMÁRIO

Resumo	
Abstract	
Introdução	01
Parte 1 – Migração – Uma Saga	09
1- Migração	09
2- O Contexto do Novo Lugar – Roraima, Um Estado Provisório	15
3- Migração e Processo Saúde – Doença	20
4- O Provisório–Permanente – O Contexto Sociocultural do Migrante	32
Parte 2 – Metodologia	38
1- Valorizando a Fala	39
2- O Paradigma Indiciário Como Proposta de Análise	46
3- O Universo a Ser Garimpado	49
3.1. Local a Ser Garimpado	49
3.2. Sujeitos da Pesquisa	51
4- Narrativas e Vivências Migrantes	58
4.1. Representando a Migração – A Nordestificação	58
4.2. O Motivo – Por que Migrar, Mudar o Quê ?	64
4.3. O Sofrimento e as Dificuldades Migrantes	67
4.4. O Novo Contexto – O Provisório- Permanente	72
4.5. O Mecanismo - Não Posso Parar	78
4.6. Uma Escolha, Uma Renúncia	82
4.7. Os Frutos do Garimpo	90
Conclusão	94
Bibliografia	99

RESUMO

O presente estudo aborda o fenômeno da migração interna, ocorrida em direção a região Norte do Brasil, como um exemplo do novo fluxo migratório detectado no Censo de 1991, ou seja, a procura de cidades menores e \ ou periféricas (Bremeker, 1997).

Enfocamos a mudança como processo obrigatório na vida do migrante, entendida e percebida como algo não restrito à transferência geográfica apenas, mas à modificação de hábitos, costumes, pressupostos e cultura, e suas consequências para o seu adoecimento ou sofrimento, sendo necessária a elaboração de novos mecanismos para suportarem tantas transformações e faltas. Utiliza-se para retratar as dificuldades do novo contexto do migrante, a Metáfora Provisório-Permanente, construída a partir da literatura especializada (Ferreira, 1996; Menezes, 1976; Piore, 1979; Rebello, 1997; Sales, 1991), que ressalta as intenções de retorno do migrante à sua origem, expressas desde sua partida, bem como do próprio contexto da cidade escolhida para esta investigação, Boa Vista- RR. Para tanto parte-se da experiência da autora na área da saúde mental, visando justificar e explicar os interesses pelo tema da migração e as peculiaridades da cidade a ser investigada.

Como sujeito da pesquisa foi eleito o profissional de saúde de nível superior, residente na cidade de Boa Vista, oriundo das regiões Sul e Sudeste do Brasil, e como local de investigação o Hospital Geral de Roraima (HGR). O tratamento do material coletado foi baseado na análise indiciária de fontes orais proposta por Ginzburg (1991), visto se tratar de uma pesquisa qualitativa.

Como conclusões observou-se: a “nordestificação” da migração como fator preponderante para a sua representação e a entrega total ao trabalho, como mecanismo usado para amenizar o sofrimento e as faltas advindas da mudança de contexto sociocultural. No entanto, tais reelaborações se dariam a partir do *background* cultural do sujeito. Assim, confirmou-se o pressuposto de que a cultura, interferiria na forma de representar e explicar a vivência migrante.

ABSTRACT

This thesis will focus on the internal migration phenomenon. That particular migration occurred in the Brazilian north region, as detected by the 1991 census, and targeted small or suburban cities (Bremeker, 1997).

We will cover the change as an obligatory process in the migrant 's life that is understood and noticed not only on its geographical aspect but also as a changing of habits, assumptions, culture and way of life. The consequences of this process on his illness and suffering will also be addressed and, at the same scope, the new mechanism created to ease the impact of such huge transformations and loses.

Now we will introduce, to better evaluate this situation, the concept of "Provisory-Permanent". It is build upon Migration specialized literature (Ferreira, 1996; Menezes, 1976; Piore, 1979; Rebello, 1997; Sales, 1991), that stresses his initial intention to return to his origin as well as the context of the chosen city for this research, Boa Vista – RR. To do that, we will use our experience in the Mental Health Area to explain our interest in the migration topic and this particular city.

We decided to choose as the main subject the migrant health professional that come to Boa Vista from Brazil's south and southeast regions and, as the research location, the Hospital Geral de Roraima (HGR).The collected material was then processed using the oral source for the analysis suggested by Ginzburg (1991) because it is a qualitative research.

To conclude, we could notice a strong assimilation of Brazil's northeast region way of life as a form of denial of the migrant's actual situation. That denial could be even more strengthen through a workaholic posture to lessen the missing of his former social status. So we were able to confirm that culture and social context would interfere in the migrant's life.

Introdução

Pensar em migração significaria falar em mudança, viagem, deslocamento, passagem de um lugar a outro, como verificamos em Menezes (1976) e Ferreira (1986.). Se pensarmos a migração de forma abrangente e ilimitada, poderíamos elaborar várias acepções para este estado de passagem, seja esta referida ao nosso humor, aos nossos sentimentos, pensamentos e ações, bem como no deslocamento social e/ou econômico que nossa produção e atos podem gerar ou, simplesmente, à mudança geográfica de uma região à outra. Migraríamos, então, em várias direções e sentidos (figurados ou não).

Logo, o termo migração pode dar origem a diversos discursos e metáforas, uma vez que o ato de migrar, de deslocar-se, acompanha o desenvolvimento e o surgimento das espécies. Passando a ser visto como referência de mudança no dizer popular: "- Eu migrei de uma seção a outra;" "- Sou um migrante no estado de humor". Assim, torna-se necessário delimitar o que entendemos com o termo migração.

Em Renner e Patarra (1980) verificamos a dificuldade em se estabelecer um conceito para Migração que satisfaça "às diferentes possibilidades de manifestação do fenômeno" (p.237), sendo assim, para as autoras:

“A definição da ONU constitui um ponto de referência necessário ao estudo das migrações. Observando que o “o conceito (...) é aplicável somente no caso de populações relativamente estabelecida no espaço, migração é definida “como uma forma de mobilidade espacial entre uma unidade geográfica e outra, envolvendo mudança permanente de residência” (p.237).

A definição da ONU constituiria, então, segundo as pesquisadoras, um referencial necessário ao estudo da migração, só podendo ser aplicável às populações que demonstrassem relativo estabelecimento no local para onde migraram. Consistindo na mudança geográfica de um espaço a outro, onde envolvesse transferência duradoura de residência. Desta forma, estariam excluídas dessa classificação "as populações nômades,

as migrações sazonais, o movimento de pessoas com mais de uma residência, os deslocamentos de visitantes, turistas e pessoas que viajam regularmente" (p.237).

Renner e Patarra (1980) nos esclarece ainda, que é costume dividir a migração em dois grupos: as migrações internas e as migrações internacionais. No entanto, para elas esta "divisão é artificial, pois as motivações para migrar, os tipos de pessoas que migram e os efeitos sociais de ambos os tipos de migração são semelhantes. As vantagens desta distinção é a de revelar aspectos legais da migração ou as condições sob as quais o migrante viaja, indicando, também, suas características" (p.240). Assim, adotamos esta divisão para melhor situarmos o leitor, indicando que tipo de migração foi eleita para representar a vivência migrante, visto estar nosso trabalho voltado para a migração interna. Para tanto, utilizamos a definição dada por Santos (1989) para as migrações internas: "são movimentos de população que se fazem não somente num quadro nacional como regional" (p. 10) Contudo, também lançamos mão da literatura sobre migração internacional, visando uma maior compreensão de nosso personagem principal, o migrante, mesmo este não sendo o legendário nordestino, "emblemático do migrante no imaginário brasileiro" (Ferreira, 1996), e sim um novo tipo de "aventureiro", vindo das terras do Sul e Sudeste do país. Em contrapartida, não levantamos de forma aprofundada ou detalhada as causas econômicas, psicológicas ou sociológicas da migração interna (Santos, 1989), que afetariam ou influenciariam a vida do migrante. Pois nosso desejo foi averiguar e discorrer sobre o vivido e experimentado com este tipo de migração, por aqueles que trazem em sua trajetória as marcas do deslocamento de cidade. Ou seja, identificar a influência do novo contexto sociocultural, no processo saúde / doença dessa população, enfocando, portanto, as características da nova cidade, seus aspectos positivos e negativos relatados pelos migrantes investigados, bem como os mecanismos utilizados para suavizar as dificuldades encontradas neste processo.

Menezes (1976) nos diz, que "para os atores sociais, a migração equivale a uma nova socialização, pois a transferência para a cidade (na migração rural-urbana) - mesmo quando não implica na reformulação global de identidade exige a aquisição de novos conhecimentos" (p.11-12).

Assim, a migração implicaria obrigatoriamente em processo de mudança, sendo seu grau definido pelos indivíduos ou grupos implicados, bem como pelo contexto do novo lugar. Entendemos que toda migração, seja ela, internacional ou interna, rural-urbana ou cidade desenvolvida - cidade em desenvolvimento, criaria nos migrantes uma necessidade de transformação, devido ao afastamento do familiar, do que era próximo e conhecido, como valores, hábitos, costumes e visão de mundo, muitas vezes não mais eficazes para solucionar problemas surgidos com a nova vida (Helman, 1994). Tal processo levaria, então, o migrante a se sentir um estrangeiro em seu próprio país, sendo esse sentimento de estranheza e insegurança intensificados ou não pelos valores e hábitos do novo lugar (Ferreira, 1996).

A **metáfora Provisório-Permanente** foi construída a partir da literatura especializada sobre migração (Menezes, 1976; Piore, 1979; Sales, 1991; Ferreira, 1996; Rebello, 1997), que ressalta as intenções de retorno do migrante, a sua cidade ou país de origem, expressas desde sua partida, bem como, do próprio contexto da cidade escolhida para este estudo (Boa Vista-RR).

Sales (1991), acrescenta que o migrante se submeteria muitas vezes a condições precárias, justamente por esse sentimento de provisoriedade, por achar sua situação temporária. Sendo assim, poderíamos definir o contexto migrante, como o contexto do provisório, do passageiro, bem como o contexto sociocultural verificado na cidade em questão, onde o pensamento do provisório, encontra-se estampado em seus habitantes, sejam eles migrantes ou não. Logo, o Provisório-Permanente seria uma metáfora, criada para retratar o reforço do desejo de retorno do migrante a seu contexto, fornecido pela estrutura sociocultural e econômica da nova cidade (Brasil, 1997).

O questionamento sobre o tema Migração, começou a ser delineado a partir da nossa experiência migrante na cidade de Boa Vista, capital do estado de Roraima. Assim, as inquietações como "estrangeiros" (Ferreira, 1996), em nosso próprio país (embora um escritor local afirme criticamente em sua crônica que Roraima não é Brasil), levaram-nos a pensar no campo vasto e pouco explorado da migração, enquanto causadora de mudanças e geradora de instabilidade, sejam elas sociais, culturais, psíquicas ou econômicas. E as conseqüentes representações socialmente construídas por tais indivíduos que vivenciam o processo migratório, haja visto, a vasta literatura que

trata das causas e consequências econômicas e sociais do processo migratório (Santos, 1989; Santos, 1994; Singer, 1995) ou dos estudos que tentam estabelecer a correlação positiva entre doença mental e emigração (Almeida Filho, 1987; Lee et al., 1991). Contudo, nos parece que tais estudos deixam de lado o que sente ou pensa esse personagem (o migrante), tão estudado, embora pouco ouvido. Ferreira (1996), em seu trabalho sobre as vicissitudes da migração, já havia alertado sobre este fato:

“Ao fazer um levantamento bibliográfico sobre o migrante no campo da psiquiatria e da psicanálise, constatamos uma carência de estudos. Além dessa carência, observa-se ainda uma falta de circulação e discussão das investigações existentes. Acreditamos que o estudo da situação migrante oferece uma importante abertura para a prática clínica, ao exigir de nós uma maior circulação no campo interdisciplinar.”(p.02)

No entanto, esta inquietação inicial só transformou-se em desejo de estudo, a partir da prática clínica no setor de saúde mental do Hospital Estadual Coronel Motta (HCM), desempenhada por nós, no período de janeiro de 1993 a janeiro de 1994. Bem como de nossa "aventura psicológica" em consultório privado de psicologia, atividades estas desenvolvidas na cidade de Boa Vista.

Verificou-se, nos atendidos, um pedido implícito de ajuda e compreensão, que viesse em forma de escuta de seus problemas e explicações. Uma escuta diferente da usualmente feita pelos médicos e por suas equipes, tida pelos pacientes, como essencialmente pragmática e medicamentosa, em virtude do grande número de doentes e do pequeno contingente profissional naquela região. Cabendo aos profissionais de saúde diagnosticar rapidamente, e de forma apenas física, as enfermidades. Assim, tornava-se clara a dificuldade de comunicação e entendimento, contida na relação desses indivíduos com os médicos que os socorriam. Foi buscando pistas, para entendermos as solicitações de ajuda, bem como o próprio funcionamento do HCM (já que éramos estrangeiros na

cidade e em nosso local de trabalho), que deparamos com dados interessantes, que nos levaram a ver a cidade e o habitante de modo amplo e contextualizado.

O dado mais marcante observado em nossa prática clínica relacionava-se com população atendida, que nos alertou para um contexto peculiar e representativo: cerca de 90% dos usuários do serviço de saúde mental do HCM e 99% dos clientes de consultório privado não eram naturais das cidades do estado de Roraima, vinham em sua grande maioria da região Nordeste e uma menor parte de outras regiões do país.

A diferença básica entre a população atendida no HCM (um hospital geral, até 1994, sob administração do governo estadual) e a atendida no setor privado, referia-se à situação socio-econômica dos sujeitos, pois ficava a cargo do serviço de saúde mental cuidar dos pacientes de baixa renda e escolaridade, em sua maioria provenientes de cidades pouco desenvolvidas do Nordeste, cabendo ao setor privado os de melhor escolaridade e renda, oriundos de cidades das regiões Sul e Sudeste, que buscavam na psicoterapia auxílio e compreensão para seus sofrimentos. Entretanto, o único hospital a possuir enfermaria para pacientes em crise, que necessitassem de internação, era o próprio HCM, onde pobres e ricos, independente do grau de instrução, dividiam o mesmo espaço e dor.

Apesar da condição sócio-econômica destes sujeitos (os usuários do setor público e os do setor privado) serem distintas, o sofrimento e as dificuldades relacionadas por eles, em relação à mudança de contexto sociocultural, eram semelhantes: a dor pela ausência do familiar, do costumeiro, a ausência de referências socioculturais. Assim, pensamos no estabelecimento da relação entre migração e sofrimento, além dos possíveis desdobramentos ocorridos a partir deste processo, ou seja, "as vicissitudes migrantes" (Ferreira, 1996) e alguns elementos decorrentes delas como "o banzo migrante" (Rebello, 1997), percebidos através de sintomas corporais de difícil diagnóstico, e psíquicos como depressão e surtos psicóticos. Ao relato de queixas físicas e psíquicas, eram acrescentadas outras, em relação a nova cidade, já que acreditavam ser o contexto sociocultural da cidade de Boa Vista, o responsável por suas mudanças, transformações e adoecimentos, já que, para esses migrantes, o novo contexto era o grande vilão de suas vidas, com costumes e hábitos muito diferentes dos adquiridos em suas cidades. Expressando, desta forma, um desejo comum para solucionarem seus

problemas: o retorno a seus estados de origem. A estada em Boa Vista era considerada como algo temporário e passageiro, mesmo para aqueles que se encontravam nesta "situação temporária" há pelo menos dez anos.

Frente ao levantamento das queixas e histórias dos pacientes, bem como do funcionamento do HCM, foi possível entender melhor as dificuldades de diálogo e entendimento entre médicos e pacientes. Tornou-se explícito que os dados referentes a origem dos atendidos, colhidos nos prontuários, não eram levados em conta, ficando a migração longe dos diagnósticos e de possíveis causas de tais sofrimentos e adoecimentos. Visto que, os próprios médicos, como a maior parte dos profissionais de saúde, também eram migrantes, a migração tornou-se uma constante e um "fator normatizador e não desviante" (Velho, 1974). Baseando-nos em tais dados e questões compreendemos ser possível transformar nossa prática em objeto de estudo, sem contudo, procurar culpados ou responsáveis, mas com o firme propósito de entender o universo migrante e o novo estilo de vida surgido com o super povoamento destas cidades, levando seus moradores a procurarem lugares menores e espalhados pelo Brasil (Rebello, 1997) , estilo este verificado na cidade de Boa Vista principalmente entre os profissionais de nível superior oriundos das regiões sul e sudeste do país. E quem sabe, ajudar a diminuir o sofrimento e as dificuldades daqueles que por algum motivo ou objetivo trocaram o "familiar" pelo "estranho" (Ferreira, 1996), através das falas e vivências dos sujeitos por nós investigados: "No entanto, desviar o foco do problema para a sociedade ou a cultura não resolve magicamente as dificuldades. É preciso verificar como a vida sociocultural é representada e percebida". (Velho, 1974, p.12). Reafirmando, as palavras de Gilberto Velho, pensamos em valorizar neste estudo as representações e percepções dos migrantes residentes em Boa de Vista-RR, sobre o contexto peculiar desta cidade, bem como, sua influência no adoecimento ou não desta população em especial. Portanto, buscamos nos trabalhos de Ferreira (1996) e de Rebello (1997), grande suporte teórico e metodológico, para entendermos com o primeiro, **as vicissitudes**, e com a segunda autora, **as ressonâncias da mudança** no viver do migrante. Tais trabalhos, mostram a influência da mudança de contexto sociocultural, a migração, no imaginário do migrante, despertando uma certa "estranheza" em relação ao novo lugar e a si próprio, podendo ser expressada através de

surtos psicóticos, como forma de "desdobramento do eu" (Ferreira) ou "sintomatologias mal-definidas" (Rebello).

Para reforçar nossas idéias, de que a cultura influenciaria no adoecer humano, utilizamos estudos da Antropologia Médica, que apontam para a relação positiva entre aspectos culturais e processo saúde/doença, juntamente com os referentes a emigração (Helman, 1994; Kleinman, 1980; Uchôa, 1994). Complementando essas leituras, percorremos os caminhos da Etnopsiquiatria (Leibring, 1996; Noronha, 1988), que "valoriza o meio onde vive o enfermo e utiliza dele para ajudar a recuperá-lo" (Noronha, 1988, p.113). Completado, desta forma nossos pensamentos a cerca da influência do novo contexto, para o adoecer ou não da população migrante e os meios utilizados por ela para amenizar os sofrimentos e perdas causadas pela migração.

Utilizamos, ainda, trabalhos sobre Representação Social, especialmente aqueles que estudam sobre as representações de saúde e doença.. (Herzlich, 1991; Jovchelovitch, 1995; Spink, 1995), como base para a compreensão dos discursos dos migrantes, visando a identificação e conhecimento das representações socialmente produzidas e das percepções sobre o processo migratório, vivenciado por nossos entrevistados. Assim, nossos interesses estiveram voltados para as explicações criadas pelos migrantes, para justificarem ou mesmo entenderem, as mudanças e dificuldades vividas no novo contexto.

Cabe esclarecermos que para este estudo elegemos outro personagem migrante, que não o nordestino, o representante do migrante brasileiro, e sim sujeitos originários de grandes e médias cidades das regiões Sul e Sudeste do país, por considerarmos estes, personagens esquecidos pelos pesquisadores dessa temática. Deixamos, então, o lugar comum que se tornou, associar migração a falta de instrução e ao deslocamento rural-urbano, como percebido nos trabalhos investigados. Pois, verificamos um fluxo oposto de migração (cidade desenvolvida - cidade em desenvolvimento), devido ao "inchaço" dos grandes centros, que estaria levando alguns indivíduos a optarem por lugares menos desenvolvidos e povoados (Bremaeker, 1997; Rebello, 1997). Desta forma, pensamos na utilidade deste estudo, por focar o novo percurso migratório vivenciado em nosso país e as novas formas de lidar com a migração e suas conseqüências. Para tanto partimos da experiência de indivíduos que

optaram por viver numa cidade afastada e pouca desenvolvida, como Boa Vista, deixando para trás todos os benefícios que um grande centro oferece, sendo esses benefícios causadores de deslumbre em muitos migrantes de cidades pequenas e atrasadas.

O presente trabalho foi dividido em duas partes a saber: Parte I – Migração uma Saga, onde buscamos situar as transformações do quadro migratório nacional das últimas décadas (Migração), para, então, apresentarmos o contexto sociocultural da cidade em questão (O Contexto do Novo Lugar), que nos ajudou a construir a metáfora do Provisório-Permanente, como o contexto do migrante (O Provisório-Permanente), para tanto, percorremos a literatura sobre saúde e doença enfocando as consequências da mudança de contexto no viver migrante (Migração e Processo Saúde \ Doença). Parte II – Metodologia, dedicada a demonstração do caminho percorrido, através da utilização de fontes orais e da análise indiciária de tais fontes proposta por Ginzburg (1991), para apresentarmos a vivência e as dificuldades decorrentes do processo migratório.

Assim, o sonho de estudar esta complexa teia de sofrimentos, necessidades e aspirações implícitas no processo migratório, começou a ser planejado, idealizado, com o objetivo de melhor entender o sofrimento migrante. Mas, não através de sintomas ou distúrbios psíquicos mais comuns, verificado neste tipo de população. Ao contrário, ouvir e entender o significado da mudança de contexto sociocultural na vida do migrante, identificando os mecanismos usados para amenizar as dificuldades geradas por esta mudança. Desta forma, a presente pesquisa objetiva contribuir para a construção de pensamentos e idéias que ajudem a entender as vicissitudes migrantes, partindo do discurso do próprio envolvido no processo, buscando captar e confrontar suas representações, criadas para explicar sua situação de “estrangeiro”, e sugestões para suavizar seus sofrimentos.

PARTE I -MIGRAÇÃO - UMA SAGA

1- MIGRAÇÃO

A migração não é um tema recente, nem pouco estudado, fazendo remontar a história de nossa colonização. Assim, acompanhando o processo migratório do Brasil, vemos no século passado até as primeiras décadas do atual, a presença marcante de imigrantes europeus e asiáticos, fortalecendo as lavouras cafeeiras do sul do país e de São Paulo (Santos,1994; Sales, 1991). Tivemos também o aumento das migrações internas em direção aos grandes centros urbanos, ocorrendo o êxodo rural em virtude do processo de industrialização, que correspondeu à mudanças no modo de produção e no sistema econômico (Singer, 1995). Outra característica bem demarcada de nosso processo migratório, ocorrida na década de 1980, foi a saída de brasileiros de suas cidades para outros países, configurando uma “corrente migratória”, que diferia do surto de emigração de brasileiros durante os anos de repressão militar, considerada migração política (Sales, 1991). Esta realidade que demarca a contramão de nossa história até a década de 80, nos chama atenção para outra mudança significativa, apresentada no Censo de 1991: - uma desaceleração no ritmo de crescimento das regiões metropolitanas. Havendo um deslocamento e procura pelos municípios das periferias metropolitanas (Bremaeker, 1997).

Os dados do Censo de 1991 chama nossa atenção para o fenômeno da queda de crescimento das regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste e o aumento do ritmo de crescimento das regiões Norte e Nordeste do país, ocorrido nos estados de Roraima, Amapá e Sergipe. Especificamente no caso de Roraima, o “aumento colossal no nível de concentração de sua população”, não se processou apenas em decorrência dos fluxos migratórios, mas também em virtude do desmembramento de Municípios, com vista a criação de outros (Oliveira, 1991). Pois até junho de 1982 este estado contava com apenas dois Municípios, Boa Vista e Caracarái, sendo desmembrados em 1º de julho, criando-se cinco Municípios. Doze anos mais tarde novo desmembramento foi feito surgindo mais três, e em 1995 o estado ganhou mais cinco novos municípios.(Freitas,

1996). Este aumento de concentração populacional também pode ser explicado pelas atividades de mineração e implantação de projetos de colonização na região norte.(Bastos e Barcelos, 1995)

Verifica-se, então, que as grandes cidades, as megalópoles (Bremaeker, 1997), estão deixando de ser tão atraentes como no passado, criando-se a tendência dos brasileiros se concentrarem “ em torno de novas regiões metropolitanas, menores e mais espalhadas pelo país, onde a dinâmica econômica importa mais do que o tamanho da cidade”(Rebello, 1997 p.07). Isto estaria apoiado no “gigantismo doentio” do crescimento acelerado dessas megalópoles, deixando de garantir no mesmo ritmo de crescimento as condições básicas e necessárias a sobrevivência ou subsistência dos indivíduos, tais como serviços públicos, sociais e de transporte, bem como habitação. Fazendo surgir o desemprego, o subemprego e o aumento da criminalidade (Bremaeker, 1997).

Em março deste ano a revista Veja (1998) publicou uma reportagem de capa intitulada “Fuga Para o Interior”, onde mostrou que 41% dos moradores das capitais e regiões metropolitanas estão querendo distância das metrópoles, em troca de uma vida mais tranqüila e de menos exposição à violência . No entanto, esta mudança no modo de vida da população de grandes centros, nos esclarece a reportagem, não seria “um frugal sonho campestre, pois os entrevistados desejam do interior tudo aquilo que o crescimento desordenado usurpou das metrópoles, mas com o emprego e a infraestrutura urbana bem ao alcance das mãos”(p.71). Estamos falando, então, de uma busca dos benefícios e qualidade de vida oferecidos anteriormente pelas grandes cidades brasileiras, até serem tomadas pelo desemprego, criminalidade, mendigos, congestionamentos, poluição, ou seja, pela verdadeira *loucura urbana*. E verificamos no depoimento de um paulista de 43 anos, residente em Poços de Caldas, Minas Gerais, a representação desse novo retrato migratório:

“Eu queria voltar a viver numa cidade gentil como a São Paulo que conheci na infância, quando podia brincar na rua com os amigos e passear à tarde na praçinha com meus pais, sem medo de ser assaltado. Aquela minha São Paulo

gentil também era uma metrópole buliçosa, que oferecia a nossa família todas as coisas bacanas de uma cidade grande”. (p.71)

Menezes (1976) evidenciou em seu trabalho com um grupo de migrantes, que “a instabilidade do migrante” não se apresenta por opção própria, mais sim em “decorrência das poucas alternativas de sobrevivência que lhes são dadas pelo sistema social”(p.12)

Logo, o migrante ao sair de sua cidade indica claramente uma situação de busca, de procura de melhores condições de vida, sejam elas associadas a vida econômica e financeira propriamente dita, seja a vida pessoal e profissional, deflagrando a necessidade de abandonar seu espaço e lugar, para ganhar novos mundos, na esperança de encontrar solução e conforto para suas angustias. Rebello (1997) comenta que:

“[...] a mudança geográfica parece ser a concretização de uma demanda subjetiva que juntamente com aspectos sócio-econômicos, vão impulsionar o evento.”(p.58)

Assim, a mobilidade estaria na maior parte dos casos, associada a um sonho de conquista, transformação e progresso (Ferreira, 1996), a construção de um novo mundo, onde a esperança e a luta por algo melhor, impulsionaria o indivíduo a deixar para traz suas referências.

“O migrante teria que metabolizar o seu passado (perdas, morte, distanciamento) em relação ao futuro, geralmente indefinido, que tem que ser reconstruído entre essa perspectiva de um novo lugar e o sonho do retorno, já que o migrante tende a manter uma certa fidelidade à sua terra natal. Sem essa assimilação temporal pelo psiquismo, esse passado que sofre o recalçamento, sempre ameaça impor o seu retorno, que é a própria volta do recalçado.” (Ferreira, 1995, p.69)

A palavra provisório representaria, então, as várias situações da vida comum que os indivíduos se submetem em sua trajetória, seja em busca de aventura, experiência, espaço ou mudança, como no processo migrante, um viver temporário, que evita a criação de laços, a fixação de raízes, embora, não deixe de receber e absorver as influências do novo lugar, do outro que insiste em se tornar presente.

E o que seria o permanente?! Utilizando-nos novamente do dicionário Aurélio (Ferreira, 1986), permanente seria algo duradouro, “que permanece, contínuo, ininterrupto, constante, que tem organização estável”. Dentro de nossa discussão emprestamos a este vocábulo o valor de adjetivo da palavra provisório, pois a qualifica, salienta que não é um provisório qualquer, e sim um provisório mais duradouro, que permanece, possuindo uma organização estável. Esta organização basearia-se no desejo de retorno, de não fixação, onde o migrante direcionaria sua vida e planos para a realização deste desejo, mesmo que este retorno não tenha data ou condições para acontecer, podendo essa situação perdurar por tempo indeterminado, como acontece na maioria das correntes migratórias, como salientou Sales (1991). Com isso, nasceria um contexto sociocultural peculiar, o contexto migrante, caracterizado pela situação do provisório que permanece e do viver e sentir-se em constante partida.

Ao inscrevermos o contexto sociocultural do migrante na metáfora do Provisório-Permanente, apontamos para duas categorias inevitáveis, a temporalidade e a espacialidade, pois para o migrante elas seriam referências primordiais em sua trajetória, por localizá-lo no aqui e agora, no antes, para projetar um depois, no “que era antes - lá e o que é agora - aqui” (Ferreira, 1996, p.68).

Para Menezes (1976) a mudança de contexto implicaria não apenas em deslocamento geográfico, espacial, mas também numa “reorganização temporal”, pois a temporalidade passaria por uma nova cronologia, sendo delimitada pela própria mudança, ou seja, contar-se-ia o tempo a partir do momento da migração. O migrante estabeleceria como referência temporal o antes da mudança e o depois da mudança, projetando o seu futuro no desejo de retorno.

“A sequência de eventos que constituem, na bibliografia individual, o passado e o presente, passa a ser ordenada em função do “antes” e “depois” da mudança. Este é o momento de rompimento do continuum temporal que constitui a vida cotidiana dos indivíduos e se apresenta como um momento especialmente difícil, carregado de emoção e, às vezes, encarada dramaticamente.” (Menezes, 1976, p.22)

Assim, ver como provisória sua situação é localizar-se no tempo, determinando, ou pelo menos tentando estipular um período, uma fração deste tempo a este novo local e a esta nova situação. O migrante passa a referendar os acontecimentos e planos ao fenômeno da mudança, do deslocamento que não é só geográfico, mas sentido também internamente, pelas várias experiências e vivências que terá que enfrentar como sujeito fora de seu local, de seu espaço.

O tempo teria um sentido de familiaridade enraizado nas ações e atos repetitivos, como as rotinas diárias, dando um valor de algo que está dentro, próximo, nos fornecendo referenciais. O ambiente físico, o espaço que ocupamos representaria nosso suporte mnemônico, estabelecendo “quem somos através de onde viemos: uma identidade temporal não apenas ligada ao passado mas também ao futuro” (Rabinovich, 1997: p.03). Desta forma, o migrante “ao decidir construir seu devir em outro lugar, ele está também optando por um novo tempo e espaço” (Ferreira, 1995, p.70), gerando com isso a destruição do passado, através de novas práticas, mecanismos e comportamentos adotados no novo lugar.

Outra questão levantada pela temporalidade relacionada ao migrar, seria a mudança na concepção de tempo, visto que o tempo do novo lugar é sentido e vivenciado como diferente do anterior. Menezes (1976) vê salientada essa diferença no discurso dos migrantes investigados por ela que “concebem de forma diferente o tempo no meio rural e na cidade” (p.23). Logo, haveria duas temporalidades uma mais lenta e percebida através dos fenômenos naturais, e outra mais acelerada, dada pelo ritmo das cidades.

A importância do provisório na vida do migrante vai muito além de seu simples desejo de retorno, estando relacionado à sua história, a seus valores e

referenciais, que estão longe, afastados, precisando criar uma imagem, uma âncora, para situar-se enquanto pessoa e indivíduo. O migrante usa portanto o provisório, o temporário, o passageiro como referência temporal, para dar um sentido de familiaridade a esse novo tempo, estabelecendo outras rotinas diárias para sentir-se dentro, próximo, já que tudo que era realmente familiar ficou preso no seu antigo tempo (antes da migração) e espaço.

2-O CONTEXTO DO NOVO LUGAR – RORAIMA, UM ESTADO PROVISÓRIO

A história de colonização de Roraima como seu processo migratório atual, parece estar assentado em objetivos “exploracionistas”. O artigo de Barbosa (1994) nos deixa a impressão de que o primeiro contato com as terras roraimenses, se deu por acidente de percurso, já que o caminho fluvial percorrido por esta expedição não previa a exploração pelo Rio Negro e seus afluentes, mas com objetivos bem claros: o de “descimento de indígenas locais”, para serem comercializados como escravos na sede da antiga capitania do Grão Pará e Maranhão” (p. 124-125).

Nos séculos XVII e XVIII a ocupação de Roraima, assim como de outras regiões da Amazônia, se realizou como forma de defesa e resguardo da integridade das áreas da coroa portuguesa, visto que, esta área era zona de conflito entre Portugal e outros países europeus. Desde então, várias tentativas e programas de ocupação do Vale do Rio Branco (denominação usada naquela época, para o estado de Roraima), foram processados, embora sem muito sucesso. Contudo, a criação do Território Federal do Rio Branco, em 1943, pelo Governo Vargas, marca o “início de frentes migratórias devido à atividade mineral e pela nova ação do poder central na tentativa de retirar esta região do vazio populacional” (Barbosa, 1994, p.142). Com isso, altas taxas de crescimento demográfico foram verificadas nas décadas de 1940|50 e 1950|60, continuando mesmo assim, a apresentar “a menor densidade populacional do país” (op. cit, p.142).

O processo de expansão do Território Federal de Roraima, nome instituído em 13 de dezembro de 1962 (Ramalho, 1985), ocorreu de forma mais intensa nos meados da década de 80, “quando as forças políticas tomaram para si o aquecimento da corrente migratória” (Barbosa, 1993, p.178). Assim, a atividade garimpeira tem seu auge no final dos anos 80, “iniciando forte estímulo ao crescimento populacional” (p. 182). O garimpo no final do ano de 1987 até meados de 1990, levou Roraima a criar a ilusão de que esta atividade “seria a salvação para o estado recentemente criado com a nova Constituição Nacional” (op. cit., 190). No entanto, em meados de 1990, os garimpos foram fechados, devido a intervenção federal nas áreas indígenas, levando a uma derrocada da economia

do estado, já que tudo e todos giravam em torno da atividade de mineração, como o comércio, as arrecadações fiscais, bem como os novos e antigos migrantes.

Em meio a tantas dificuldades econômicas, políticas e sociais, Roraima tem uma localização geográfica desfavorável, pois é isolada e de difícil acesso (só se chegando em Boa Vista, sua capital, por via aérea ou pela estrada BR 174 que liga Roraima a Manaus, não totalmente asfaltada). Sendo este isolamento o fator principal a levar este estado a “ser um dos últimos espaços vazios a serem ocupados na Amazônia” (Barbosa,1994), contribuindo até hoje para o assolamento de seu desenvolvimento, bem como, o não interesse de seus migrantes em fixarem-se, investindo em seus locais de origem os frutos conseguidos.

Assim, o mais marcante no estado de Roraima é o pensamento do provisório, do temporário, ou seja, do não investimento a longo prazo, que encontra-se estampado no viver de sua população migrante, que possui como desejo o retorno a seu contexto sociocultural, como nas expectativas dos roraimenses em relação “ ao povo que vem de fora”. Desta forma, Roraima poderia ser metaforicamente comparada a um enorme garimpo, onde a “exploração” seria lema e prática, onde o provisório seria permanente tanto no pensamento econômico, político e social de seus habitantes, a medida que a maior parte de seus governantes também é migrante. “Ninguém investe no estado porque só está passando uma chuva”!¹

Estas colocações retiradas de conversas informais e de entrevistas terapêuticas, são reforçadas por um artigo publicado num jornal de Boa Vista, escrito por um roraimense declarado:

“O reflexo de como ainda Roraima é tratado como uma província, província por aqueles que pra cá vêm sem nenhum compromisso em fazer justiça. Preocupados que estão com renda familiar para investir em seus Estados de origem”. (Brasil, 1997, p.02)

¹ Expressão usada na Região Norte do país para designar curto período de uma determinada situação, associando-se às chuvas constantes porém, passageiras da região.

Ao associarmos Roraima a um enorme garimpo, estaríamos metaforicamente dando um nome, uma representação simbólica a seu contexto sociocultural, composto por várias etnias e culturas, que juntas formariam um contexto peculiar e próprio; com hábitos os mais variados possíveis, bem como os mais estranhos também, já que alguns são frutos da mistura dessas várias culturas, representando a cultura brasileira propriamente dita.

Costuma-se dizer em Boa Vista que o mapa do Brasil está todo representado, bem como parte do mundo através de sua população e costumes. Embora a maioria perceba e deseje sua estada nessas terras como passageira, temporária, parecida com a vida garimpeira. E como se sabe, os garimpeiros armam acampamento em torno dos rios ou minas a serem explorados, permanecendo apenas o tempo necessário para explorarem a natureza, deixando suas marcas às vezes eternas, sem contudo, fixarem raízes. Assim, o viver garimpeiro é um viver provisório, um eterno deslocar-se à procura de pedras e metais preciosos, um migrante em todos os sentidos que esta palavra comporta. Da mesma forma, os migrantes de Boa Vista também estariam a procura de “pedras”, acontecimentos e descobertas preciosos, desejando ao final da “garimpagem” retornarem para suas cidades carregando nas mãos os frutos desta “exploração”.

Percebemos, então, que o viver migrante baseado no provisório encontraria ressonância no contexto sociocultural da cidade investigada (Boa Vista), tornando mais nítida a vontade de seus migrantes em apenas garimparem sem fixarem raízes nessas terras, condicionando suas vidas e projetos ao sonho de retorno, fato bem marcado em nossas entrevistas. Assim, o contexto do Provisório-Permanente seria uma metáfora criada para retratar o reforço do desejo de retorno do migrante a seu contexto, fornecido pela estrutura sociocultural e econômica da nova cidade.

Para melhor situarmos o conjunto de características da cidade em questão, precisaríamos, fornecer algumas informações referentes ao processo de povoamento da margem direita do Rio Branco (“quase todo território do atual estado de Roraima é constituído apenas pela bacia do Rio Branco” (Freitas, 1996, p.31)), onde localiza-se a cidade de Boa Vista, bem como o seu tipo de clima e sua população. Gostaríamos de esclarecer que os dados sobre o nome da capital de Roraima foram coletados através de conversas informais com pessoas nascidas neste estado e entrevista realizada com a

Chefe da Divisão do Departamento Histórico da Secretaria de Educação do estado de Roraima, Sra. Maria Meire Saraiva Lima, que cordialmente nos cedeu tais informações, visto haver pouco material documentado sobre a história de Boa Vista, sendo este fato bastante significativo para entendermos o contexto do provisório que impera nesta cidade. Percebemos que a pouca importância e cuidado que se teve com a construção histórica deste local, pode estar relacionada segundo, as narrativas coletadas, à sua povoação ter ocorrido em meio a objetivos exploracionistas, não tendo seus primeiros colonizadores, como governantes a preocupação de registrarem os primeiros acontecimentos envolvendo a criação e estruturação deste antigo Território Federal, já que a maioria destes cidadãos também se considerava de passagem. No entanto, a Secretaria de Educação vem tentando resgatar a memória desse povo e deste estado promovendo concursos de monografias, construindo assim futuras fonte de registro e consulta.

Em 1830, o Capitão Inácio Lopes de Magalhães estando à margem direita do Rio Branco à procura de um local para fundar sua fazenda de gado, olhou à sua volta e admirado com a vista que sua posição lhe proporcionava, exclamou: - Que boa vista, daqui se tem uma boa vista. Foi desta forma, que a primeira fazenda de gado, a fazenda Boa Vista, deu origem e nome à cidade. Atualmente, o local da antiga sede da fazenda é ocupado pelo Bar Meu Cantinho, um dos pontos de encontro tradicional das famílias locais, bem como lugar de visita obrigatório dos novos moradores deste estado. Este prédio foi tombado pelo patrimônio histórico, embora não seja a casa original da Fazenda Boa Vista, por já ter sofrido várias modificações.

Assim, esta cidade de migrantes, aventureiros ou não, emprega em seu nome o panorama inusitado das margens do Rio Branco, que encanta e acalanta a saudade, melancolia e tristeza de seus moradores vindos de outras terras como o referido Capitão.

Boa Vista possui clima quente e úmido, com duas estações definidas, o inverno das chuvas que vai de abril a setembro e o verão, época da seca e dos ventos, indo de outubro a março.

Sua população em 1994 foi estimada em 172570 habitantes, contra 253059 no estado todo. Foi habitada originalmente pela tribo dos índios Paravilhanas ou Paraviana, que desapareceu por terem sido expulsos com a chegada dos Macuxis, principal tribo do

estado de Roraima, que já bem aculturada hoje em dia, vive nas áreas de lavrado e na região das serras.

Os migrantes costumam atribuir às pessoas nascidas em Boa Vista, a qualificação de macuxi, diferenciando, assim as pessoas da terra dos demais habitantes oriundos de outros estados. No entanto, tal denominação não é bem aceita, já que carrega a intenção de discriminá-los, atribuindo características pejorativas como a preguiça, deficiência cultural, e outras características negativas, segundo a cultura e ponto de vista dos migrantes, que as relacionam ao viver do índio. Assim, para a maior parte da população roraimense, a proximidade ou descendência indígena, significaria uma desvalorização em relação as pessoas de outros estados, levando-os a rechaçarem suas origens e história, já que carregariam até hoje o peso da colonização com fins apenas exploracionistas, onde o nativo é visto e tratado como ser inferior e subalterno.

O “ser de fora”, nestas terras não traria a marca da discriminação, presente na trajetória migrante verificada nos estudos de Menezes (1976), Sales (1991), Ferreira (1996) entre outros autores pesquisados, ao contrário, seria um fator de valorização principalmente para o profissional de nível superior oriundo das regiões sul e e sudeste do país, que vê sua importância e utilidade aumentadas, justamente por possuir esta característica, passando da posição de discriminado a discriminador.

3-MIGRAÇÃO E PROCESSO SAÚDE-DOENÇA

Ao “garimparmos” a literatura sobre migração e processo saúde/doença, verificamos grandes achados como: o desejo do provisório contido no pensamento do migrante desde sua partida; e as conseqüências negativas à sua saúde física e mental, causadas pela mudança de contexto sociocultural.

O migrante ao sair de seu espaço em busca de melhores condições de vida, sejam elas econômica, pessoal ou profissional, levaria consigo a idéia de retorno; retorno este que, em suas fantasias representaria ganhos, descobertas, vitória; um regresso em melhores condições. A migração seria entendida como uma fase de transição, um rito de passagem, onde a dificuldade de permanecer no seu meio, seria a fraqueza, a imaturidade frente a problemas e provas da vida. A mudança para outras terras seria o processo de fortalecimento, de amadurecimento, o vivenciar da crise e seu retorno “por cima”, a vitória, a resolução da crise (Woortmann,1990):

“A migração teria, então, um sentido simbólico-ritual, para além de sua dimensão prática. Ela é parte de um processo que reintegrará a pessoa na sociedade com o status transformado de rapaz para o de homem. A comparação entre fracos e fortes é útil justamente porque ela nos permite perceber essa dimensão simbólica, que poderia ficar oculta por traz das necessidades práticas dos fracos.[...] Para torna-se homem é preciso enfrentar o mundo, mesmo entre os fortes, e retornar vencedor, o que será atestado pelo dinheiro trazido na volta.”(p.36)

Os migrantes valorizam as pessoas que se mudam (e, portanto, a própria atitude), definindo-as como “pessoas de coragem”. Criticam aqueles que adotam a atitude inversa e preferem submeter-se a condições precárias de vida a correrem o risco, pois interpretam este comportamento como uma forma de reacionarismo e acomodação. (Menezes, 1976, p.18)

O que pesaria, então, na hora da partida seria a certeza do retorno, dando forças e estabelecendo metas ao migrante, levando-o a suportar condições as mais adversas em sua trajetória. O desejo de retorno, se tornaria o elo entre seu passado e seu presente, proporcionando certa estabilidade a seu futuro. Preso a este desejo o migrante manteria suas raízes, seus conteúdos culturais tão importantes para ele, como forma de dizer e sentir quem é.

“Lançar-se neste espaço é lançar-se ao outro. Desta forma, inicia-se um movimento de duplicação do sujeito, onde ele se vê na partida e no retorno. Com o deslocamento ele é transplantado em uma nova realidade, onde precisa se desdobrar, fazendo face às diferenças, reparando as fissuras e elaborando as perdas, frustrações e novas experiências, para romper a paralisação da duplicação e afirmar-se enquanto subjetividade e alteridade.”(Ferreira, 1996, p.140)

No entanto, este sentimento de reconhecimento do eu se torna abalado com os referenciais e conteúdos desse novo mundo, tão almejado, mas estranho e ameaçador pela distância que impõe a tudo que era familiar e próprio ao indivíduo antes da migração. Assim, veríamos presentes na trajetória migrante a mistura de dor, sofrimento, amadurecimento e a procura de um outro eu, constituído a partir destas tantas experiências proporcionadas pela migração.

“Por outro lado, o indivíduo é inserido em uma outra realidade, onde, logo de início, seu psiquismo é confrontado com uma nova realidade, diferente e estranha. A partir daí, uma demanda de sentido se faz urgente, para que não seja invadido por essa estranheza.” (idem: 79)

Sales (1991) comenta que “as intenções de volta fazem parte do processo migratório” (p.23), sendo um componente importante para a decisão do imigrante de se

submeter a condições de vida e trabalho precários, justamente por considerar sua situação provisória. No entanto, a autora baseando-se em estudos empíricos, nos diz que o retorno na maioria dos casos não é mais possível, como na corrente migratória analisada por ela, Governador Valadares-Boston. Criando-se a forte tendência desses indivíduos fixarem-se no local escolhido para a migração, sem contudo, deixarem de vislumbrar um possível retorno.

Para Menezes (1979) a comunidade de origem perceberia a mudança, enquanto categoria, como uma “perda temporária de alguns membros, pois pressupõe o retorno destes indivíduos, embora sem uma previsibilidade de tempo”.(p.21)

Ferreira (1996) em seu estudo sobre as vicissitudes migrantes assinala “que a idéia de partida geralmente está atada a um sonho de retorno”, sendo, este sonho um possível fator dificultador no processo de aproximação do sujeito ao seu novo lugar de vida, aumentando as resistências no estabelecimento de novas relações. Podendo gerar um maior sentimento de estranheza em relação ao lugar e a si mesmo.

Teríamos, então, uma relação direta entre migração e provisoriedade, inscrita no desejo do migrante de retornar a seu contexto, mesmo que esse retorno não aconteça no tempo planejado, ou como na maioria dos casos, não venha a acontecer (Sales,1991)

Interessantes associações foram traçadas por Ferreira (1996) e Rebello (1997) entre mudança de contexto e adoecimento. Os dois autores partem de suas práticas de atendimento psicológico, para mostrarem a interferência do estranhamento, “de uma certa estranheza” (Ferreira, 1996), expressos no adoecimento do migrante, em virtude do novo, do “não familiar”. Assim, levantam a questão de se perceber a localidade de nascimento dos sujeitos que procuram atendimento, não apenas como rotina no preenchimento de prontuários, mas como um dado preponderante na escuta do paciente. Torna-se necessário compreender como os autores conceituam o termo estranhamento, para então, pensarmos na sua associação com o migrar.

Ferreira utiliza o texto “O Estranho” de Freud (1919), para explicar o estranhamento vivenciado pelo migrante, ao defrontar-se com sua nova realidade, ou seja, a do novo local.

Freud, impelido em estudar o tema da estética, que entendia por “teoria das qualidades do sentir” (p. 275), abordou o tema do estranho, já que o considerava um

ramo desse tipo, significando aquilo que é assustador e provoca medo e horror. Utilizou o estudo de Jentsch (1906), sobre o estranho, (por ser a única literatura médico-psicológica que conhecia sobre o assunto), dicionários de diversas línguas, (para aproximar as palavras em alemão “unheimlich”, que seria o posto do que é familiar, “heimisch”, nativo e “heimlich”, doméstico), bem como o conto “O Homem de Areia” de Hoffmann, para tentar definir a categoria estranho.

Partindo de Jentsch, viu o termo ser relacionado ao “que é assustador com o que provoca medo e horror” (Freud, 1919, p.276). Concluiu, que o estranho era assustador, justamente porque não é “conhecido e familiar”. No entanto, esclareceu que “que nem tudo o que é novo e não familiar é assustador” (idem: 277), não podendo desta forma ser invertida a relação. Assim, algo precisaria ser inserido ao não familiar, para torná-lo estranho.

“De um modo geral, Jentch não foi além dessa relação do estranho com o novo e não familiar. Ele atribui o fator essencial na origem do sentimento de estranheza à incerteza intelectual, de maneira que o estranho seria sempre algo que não se sabe como abordar. Quanto mais orientada a pessoa está, no seu ambiente, menos prontamente terá a impressão de algo estranho em relação aos objetos e eventos nesse ambiente.” (Op. cit., p.277)

Ao visitar os diversos dicionários para buscar uma definição para “Heimlich”, descobre que esta palavra tem o “significado que se desenvolve na direção da ambivalência, até que finalmente coincide com o seu oposto, unheimlich”(Op. cit., p.283). Percebemos, então, que o estranho é algo familiar, que deveria ser mantido oculto, mas que insistiu em se pronunciar.

Analisando o conto de Hofmann, Freud, chegou ao “fenômeno do duplo”, demonstrando esse fenômeno através dos personagens, “que devem ser considerados idênticos porque parecem semelhantes, iguais”.

“Essa relação é acentuada por processos mentais que saltam de um para outro desses personagens - pelo que chamaríamos, telepatia - , de modo que um possui conhecimento, sentimentos e experiência em comum com o outro. Ou é marcada pelo fato de que o sujeito identifica-se com outra pessoa, de tal forma que fica em dúvida sobre quem é o seu (self), ou substitui o seu próprio eu (self) por um estranho. Em outras palavras, há uma duplicação, divisão e intercâmbio do eu (self).” (Freud, 1919, p. 293)

E foi a partir desse jogo do duplo que Ferreira (1996) teceu suas hipóteses sobre as vicissitudes migrantes, afirmando que o desejo de migrar, de deslocar-se está relacionado ao lançar-se ao outro.

“A vivência migrante poderá passar por essas três situações. No primeiro momento, o migrante está culpado por trair suas origens e ao mesmo tempo, gostaria de se livrar do tributo dessa origem. Num segundo momento, ele deve se desprender das raízes para seguir seu destino de migrante, isto é, reconstruir sua identidade. Ele sofre assim o fascínio de ser outro e a ameaça de ser destronado de seu eu. Na terceira fase, o sujeito faz um certo acordo com o outro, podendo ceder para que ele se presentifique, ao mesmo tempo que fique preservado seu eu.” (Ferreira, 1996, p.111-112)

Sendo assim, o surto psicótico apresentado por seu paciente Nano, um migrante nordestino, seria expressão do sentimento de diferença e desconforto que a mudança de contexto sociocultural pode causar. A migração é entendida como um processo de “lançar-se ao outro”, iniciando um movimento de “duplicação do sujeito”: “Com o deslocamento ele é transplantado em uma nova realidade, onde precisa se desdobrar, fazendo face às diferenças, reparando as fissuras e elaborando as perdas, frustrações e novas experiências” (idem:140)

Rebello (1997) de forma épica nos traça os Embates e as Ressonâncias da Migração, através da metáfora Banzo, aprendida de sua experiência terapêutica em posto de saúde. Seus pacientes apresentavam uma “moléstia estranha” que estava associada a vivência da migração. Pois como o “Nano” de Ferreira (1996), seus atendidos também eram nordestinos, aventurando-se na cidade do Rio de Janeiro. Assim, deixa claro que as dificuldades e sofrimentos implicados no processo de mudança de “um a outro”, na “migração de uma pessoa a outra”, estariam relacionados ao afastamento do contexto sociocultural.

“Confirmamos, assim, que o migrante utiliza ‘a doença como metáfora’ (Sontag, 1984) para transformar o não familiar em familiar. Ele busca um ‘acolhimento’ institucional (nos serviços de saúde), um ‘nome’ para o que está sentindo, a sua inscrição como cidadão, a saída do anonimato, a repatriação”.(Rebello, 1997, p.82-83)

O processo migrante, então, incorreria em processo alterativo, onde o migrante se entregaria a um “outro espaço”, onde “será percebido como diferente”, indo buscar no discurso do “outro local” bases para construir ou situar “seu novo mundo”. Ferreira refere-se a alteridade e a cultura como processos indissociáveis do estudo e da compreensão do migrante. Pois o “lançar-se ao outro”, implicaria em “absorção” e “repulsão” de conteúdos e estruturas culturais. O migrante buscando uma reformulação de seu mundo, abriria mão de seus conteúdos socioculturais, adquiridos em seu contexto cultural originário, introduzindo os conteúdos fornecidos por seu atual contexto.

Reforçando as idéias de interligação entre cultura e alteridade, contidas no processo migrante, verificamos em Jovchelovitch (1995) e em Brandão (1986), a importância da alteridade e da cultura no processo de formação do Eu.

Jovchelovitch, nos diz que a alteridade é condição necessária para o desenvolvimento do Eu, que não aconteceria sem os conteúdos fornecidos pelo contexto sociocultural, contidos nas sociedades. Brandão, no entanto, nos afirma que o “reconhecimento da diferença é a consciência da alteridade”, já que considera como

sinônimo de diferença o outro, que possui história, construções e explicações em muito apreendidas de sua cultura:

“O outro sugere ser decifrado, para que os lados mais difíceis de meu eu, do meu mundo, de minha cultura sejam traduzidos também através dele, de seu mundo e de sua cultura. Através do que há de meu nele, quando, então, o outro reflete a minha imagem espelhada e às vezes ali onde eu melhor me vejo. Através do que ele afirma e torna claro em mim, na diferença que há entre ele e eu .”(Brandão, 1986, p.07)

Contudo, não se espera afirmar ser a cultura ou o meio, únicos formadores de nossas estruturas psíquicas e sociais.

A Antropologia Médica é também grande fornecedora de estudos sobre a migração, enfocando as conseqüências da mudança para a vida física e psíquica do migrante. Em Helman (1994) encontramos a mudança de cultura como “experiência estressante”, pois envolveria rupturas importantes com o espaço vital do indivíduo. O migrante ao deixar sua cidade, deixaria também amigos, familiares, como crenças, valores e pressupostos, muitas vezes, não mais condizentes com sua nova realidade. Desta forma, a experiência da “emigração geralmente significa uma profunda transição psicossocial, análoga, em alguns aspectos, ao luto ou à deficiência”. (p.259)

Eisenbrush, citado por Helman (1994), “criou a expressão luto cultural para aqueles grupos de pessoas que sofreram perdas traumáticas de sua cultura e local de origem”. “As mudanças estressantes” vivenciadas por esse grupo de pessoas, seriam comparadas, ao sofrimento vivido por indivíduos em luto, podendo até envolver “reações de luto patológicas e atípicas”.

Encontramos, então, significativa relação entre mudança de contexto sociocultural e a manifestação de algum mal estar, que será representado ou interpretado por quem o sofre, a partir de suas experiências, histórias e conhecimentos formados ao longo de sua vida. Desta forma, compartilhamos das idéias de Helman (1994), que afirma ser o background cultural dos sujeitos, importante condutor de manifestações sejam físicas, psíquicas ou sociais:

“Portanto, o background cultural exerce importante influência em muitos aspectos da vida das pessoas, incluindo suas crenças, comportamentos, percepções, emoções, línguas, religiões, estrutura familiar, alimentação, vestuário, imagem corporal, conceito de espaço e tempo, além das atitudes em relação à doença, dor e outras formas de infortúnio.” (p.24)

Ressonâncias no discurso de Helman são encontradas e percebidas, ao se pensar a relação médico/paciente. Onde teremos universos distintos falando sobre um mesmo assunto (será mesmo?), sem encontrarem muitas vezes consenso e compreensão em seus discursos.

Camargo Júnior (1992), alerta para a dicotomia “sofrer e saber; subjetividade x objetividade”, ou seja, as dificuldades de comunicação e interesse entre pacientes e médicos. Onde cada um veria o mundo através de filtros de suas representações, tendo o imaginário médico, a racionalidade científica como escudo protetor:

“Os médicos agem, de forma geral, como se as doenças fossem objetos concretos, esvaziados de qualquer significado, seja psíquica, seja cultural. Isto faz com freqüentemente aquilo que o médico vê como problema seja bastante diverso das preocupações do paciente.” (p.217-218)

O modelo biomédico, que domina a medicina científica moderna, justificaria a dificuldade de comunicação e compreensão entre médicos e pacientes, pois seu foco central seria a doença, que precisa ser identificada e se possível eliminada pelo médico, tornando tudo a seu redor irrelevante, mesmo o paciente e seu sofrimento. Pois, “o saber médico é um saber sobre a doença, não sobre o homem, o qual só interessa ao médico enquanto terreno onde a doença evolui”. (Clavreul, 1983). Assim, a escuta médica estaria a procura de sinais, dicas que enunciasses sintomas presentes e visíveis no corpo físico, evidenciando a doença.

Para Camargo Júnior (1992) o discurso médico, considerado como “verdadeiro”, científico, mesmo que não seja exatamente assim”, conseguiria na maior parte dos casos manter o paciente distanciado e sem compreensão de sua própria situação. Através de palavras difíceis (por serem específicas de uma determinada área de conhecimento), os médicos passam as informações, para seus pacientes e familiares, sendo compreendidos apenas pelos já “iniciados”. Este autor atribui a esta postura médica, “a preferência de determinados setores populacionais pelos curandeiros, por estes explicarem o que as pessoas sentem de forma a fazê-las compreender.

A Antropologia Médica usa os termos *disease* e *illness* para diferenciar a visão do médico da visão do paciente. Helman (1994) retira o significado destes dois termos de Cassel, onde *disease* (enfermidade), “é o que o órgão tem”, a patologia, o quadro clínico, considerado pelo médico e *illness* “é o que o homem tem”, a resposta subjetiva dada ao mal estar, tanto pelo paciente, quanto por aqueles que o cercam. Estas visões diferentes seriam explicadas por este autor, a partir do conceito de cultura que utiliza:

“[...] podemos observar que cultura é um conjunto de princípios (explícitos e implícitos) herdados pelos indivíduos enquanto membros de uma sociedade em particular. Tais princípios mostram a eles a forma de ver o mundo, de vivenciá-lo emocionalmente e de comportar-se dentro dele em relação a outras pessoas, a deuses ou a forças sobrenaturais, e ao meio ambiente natural.(p.23)”

Assim, a cultura seria uma “lente herdada”, e esta “lente cultural”, teria o aspecto de dividir o mundo e as pessoas que o “habitam em diferentes categorias, cada uma com denominação própria”(p.23). Teríamos, então, categorias sociais como: “homens ou mulheres, crianças ou adultos, parentes ou estranhos, sadios ou doentes,” entre outras. Outra subdivisão verificada dentro de uma sociedade complexa, a partir das várias subculturas criadas, seria as subculturas profissionais, como a de médicos, psicólogos, assistentes sociais, militares e profissionais da justiça. Que formariam grupos à parte, “com seus próprios conceitos, regras e organização social”. “Embora cada subcultura seja desenvolvida a partir de uma mesma cultura maior, e compartilhe

muitos de seus conceitos e valores, esta também possui feições características e únicas”.
(p.24)

Para Helman a proposta médica, devido sua formação, criaria nos formandos e profissionais uma espécie de “endoculturação”, que seria a aquisição de “uma perspectiva particular” “dos problemas de saúde”. Desta forma, a escuta médica estaria fadada a “decodificar” as “diseases”, a partir das queixas dos pacientes (illness), utilizando as “referências biológicas”, de modo a estabelecer um diagnóstico físico da enfermidade.

Kleinman et al (1978), nos mostram que médicos clínicos ocidentais, não consideram devidamenteos aspectos psicológicos e socioculturais, tão interessantes quanto os biológicos, por considerarem estes “mais básicos”, “reais” e “cl clinicamente significativos”, dentro da “realidade clínica”. Com isso, o discurso do paciente perde características e significados importantes, ao serem adotados modelos fechados e enquadrados numa lógica biológica e num dualismo mente/corpo, onde fatores socioculturais e psicológicos não seriam interpretados, construindo-se diagnósticos incompletos ou falhos.

Assim, verificamos que o background cultural servirá como fator decisório para a elaboração de explicações ou formas de viver a saúde ou a doença. Baseado nesta conclusão, elegemos a Teoria das Representações Sociais, como suporte teórico para entendermos as representações socialmente construídas, por sujeitos pertencentes a uma determinada cultura e inscrito em uma subcultura específica, frente a sua experiência migratória.

Para a Psicologia Social as representações sociais, segundo seu criador Moscovici, deveriam dar conta de uma realidade que compreendesse as dimensões físicas, sociais e culturais, abrangendo em seu conceito as dimensões cultural e cognitiva, dos meios de comunicação e das mentes das pessoas, da objetividade e da subjetividade (Guareschi,1995).

Minayo (1995), no entanto, nos diz que as representações sociais seriam visões sobre a realidade, sendo um importante material de pesquisa das ciências sociais, “enquanto imagens construídas sobre o real”.

O real para Birman (1991), necessitaria da mediação da ordem simbólica, para se constituir como realidade. Assim, a ordem simbólica, ofereceria consistência significativa para que toda comunidade dotada da mesma tradição histórica e lingüística, pudesse compartilhá-la.

“Isso implicaria dizer que a realidade é uma construção eminentemente intersubjetiva e simbólica, não existindo pois fora dos sujeitos coletivos e históricos, que são ao mesmo tempo os seus artífices, os seus suportes e os mediadores para a sua transmissão”. (p.08)

Portanto, as representações, estariam inscritas na realidade percebida ou vivida por cada indivíduo, e que a partir delas (representações), estabeleceriam explicações, justificativas e formulações para suas doenças ou seu estado de saúde. Com isso, afirmaríamos como Herzlich (1991), “que a representação tem função orientadora das condutas”.

Jovchelovitch (1995), nos diz que a Teoria das Representações Sociais, “se articula tanto com a vida coletiva de uma sociedade, como os processos de construção simbólica”. Os sujeitos sociais elaborariam explicações para o vivido e percebido em suas experiências, buscando dar sentido e ordem ao mundo, pois precisam compreendê-lo para buscarem seu lugar.

Utilizamos as leituras sobre as representações sociais, principalmente as de saúde\doença, como ajuda teórica, para a compreensão do processo migratório e suas conseqüências e reflexos no viver migrante e para identificação dos mecanismos usados para o seu não adoecimento. Para tanto, nos apossamos do discurso e narrativas de nossos entrevistados para melhor compreender o vivido e o sofrido com a migração e as representações surgidas a partir desse processo na nova cidade, que também pode ser baseado no provisório como acontece na cidade de Boa Vista, visto que, “a mediação privilegiada para a compreensão das representações sociais é a linguagem”. (Minayo, 1997)

4- O CONTEXTO SOCIOCULTURAL DO MIGRANTE

O PROVISÓRIO-PERMANENTE

A metáfora do Provisório-Permanente foi criada como forma de representar o viver migrante, um viver condicionado ao desejo de retorno às suas origens e raízes, adiando realizações e feitos que signifiquem ou imprimam um sentido de fixação, de permanência definitiva na nova terra. Como já mencionado, o sonho da partida estaria atada ao desejo de retorno (Rebello, 1997; Ferreira, 1996; Sales, 1991; Woortmann, 1990; Menezes, 1979), usado como forma de não trair seu local e origem, além de significar a imagem de alguém que venceu, ao regressar com os frutos garimpados nesse novo lugar.

Utilizando a definição do dicionário “Aurélio”, metáfora seria o uso de uma palavra, buscando um outro sentido que não o seu, fundamentando uma “relação de semelhança entre o sentido próprio e o figurado” (Ferreira, 1986), não se resumindo a dimensão verbal segundo Castiel (1996), por ela incorporar outros aspectos que não somente os cognitivos, mas também os afetivos, sensoriais e suas interações com o ambiente de cada indivíduo, não assumindo apenas o sentido propriamente dito da palavra empregada, mas as representações decorrentes das imagens formadas por cada pessoa que a utiliza. Teríamos, então, a interferência da cultura, dos pensamentos e do modo de vida na construção dessa figura de linguagem.

Para Rorty (1991) não podemos atribuir as categorias verdadeiro ou falso para a linguagem metafórica, visto que, esta passa pela representação da “realidade”, criada por cada indivíduo, devendo, contudo, ser avaliada por seus resultados, por sua capacidade de tentar direcionar novas formas de descrever o mundo. Desta forma a metáfora funcionaria segundo White (1994) como:

“(…) um símbolo, e não como um signo: vale dizer, ela não nos fornece uma descrição ou um ícone da coisa que representa, porém diz-nos que imagens

procurar em nossa experiência culturalmente codificada a fim de determinar de que modo nos devemos sentir em relação à coisa representada.” (p. 108)

Tomando o corpo humano como exemplo de atribuições metafóricas, utilizaríamos os importantes trabalhos de Susan Sontag (1984, 1989) para nos direcionar nos enigmas referentes ao adoecer humano e as relações que ele estabelece entre a mente, o corpo físico e a sociedade. Em seu livro *A Doença Como Metáfora* (1984), nos traz as fantasias e estereótipos que duas doenças, a tuberculose e o câncer, estabeleceram ao longo dos tempos, constituindo “reflexos de uma concepção segundo a qual a doença é intratável e caprichosa - ou seja, um mal não compreendido -, numa era em que a premissa básica da medicina é a de que todas as doenças podem ser curadas”. (p.09)

Como a tuberculose e o câncer, a AIDS neste final de século assumiu a “metáfora do mal”, sendo representada por uma série de imagens tais como: “uma praga” (a praga gay); “uma invasão invisível” (o contágio aconteceria por qualquer tipo de contato com uma pessoa portadora do vírus); “uma punição moral” (onde existiriam culpados e inocentes); “um invasor”(envolvendo xenofobia e “invasão de estrangeiros); “uma guerra” (guerra deflagrada pela conduta) ou “uma força primitiva”(hedonismo). Esse conjunto de metáforas associado a esta grave doença nos coloca frente a medos, inseguranças, ansiedades vivenciados pelo mundo moderno, criando-se formas de interpretar e representar o processo saúde/doença, através da percepção popular. Assim, são atribuídos conceitos e prerrogativas religiosas e morais, para justificarem as moléstias graves e cujas origens ainda não são bem compreendidas, transformando-as em doenças populares (Helman, 1994).

Vemos, então, a importância das narrativas e representações socialmente construídas para o campo da saúde, podendo serem usadas tanto para entender melhor o sofrimento e o discurso dos pacientes e de seus familiares, como para dificultar seu tratamento e bem viver, pelo preconceito e discriminação que tais metáforas podem gerar. E para nós importa ressaltar o valor da linguagem metafórica enquanto forma de representar e entender o mundo e seus fenômenos, como a migração e o contexto sociocultural que a envolve. Baseados nesta importância, criamos a metáfora do

Provisório-Permanente, para representar o viver migrante e o contexto que estas pessoas estariam inseridas, que em muito depende das características e fatores da nova cidade

Se adotarmos a definição da palavra provisório retirada de Ferreira (1986), teremos como termos definidores os vocábulos passageiro, temporário, interino e surgiria em nossas mentes a imagem do turista, do viajante, daquele indivíduo que está de passagem, que retira do local visitado as novidades, curiosidades e aventuras que uma pessoa de férias e sem compromisso com o local pode desfrutar, reconhecendo aquele espaço geográfico como mais uma experiência e vivência em sua trajetória, sabendo, portanto, que retornará a seu espaço, à sua casa. Esta visão de turista, nos é muito cara para entendermos o sentimento migrante em relação a cidade estudada (Boa Vista) visto que, nossa experiência como migrante e profissional de saúde nestas terras, nos levou a refletir sobre o sentimento de aventura e falta de compromisso, presentes no discurso de pacientes, bem como de outros moradores migrantes, que não se percebiam como moradores ou residentes, vislumbrando apenas a hora do retorno, do regresso a seus locais de origem. Pensando como turistas, evitavam criar laços com este lugar, adiando ou negando qualquer situação que os levassem a consolidação de vínculos com a nova terra.

Outra associação de provisoriedade e migração que poderíamos estabelecer, refere-se a condição de inquilino, aquele que ocupa o espaço de outrem, e por isso mesmo encara esse espaço como provisório, temporário, sujeito as exigências e deveres acordados em contrato e quem sabe as intempéries de seu senhorio. O inquilino também adiaría ou evitaria vínculos com esse espaço, que não é seu, condicionando as benfeitorias do imóvel aos acordos e entendimentos com o proprietário, deixando até de empregar um toque próprio a este ambiente, para não deixar marcas de sua presença, como por exemplo a fixação de um quadro à parede. Viveria, então, na iminência da partida se submetendo às vezes a condições desfavoráveis por conta desta expectativa. Assim, este personagem ocuparia um espaço anteriormente preenchido por alguém, espaço este que ainda preserva sinais e indícios desse outro, como objetos deixados ou esquecidos ou a correspondência nominal a este outro que insiste em chegar.

Ferreira (1994) em um artigo que parte do filme “O Inquilino” de Roman Polanski (1976), e de um caso clínico de crise psicótica, nos aponta o “fantasma do

outro”, “a inquietante estranheza”(termo cunhado por Freud), a mistura de atração, fascínio e “ameaça de possessão” que o outro nos causa. Utiliza essas duas linguagens (o cinema e a clínica) para falar do espaço do migrante, dos confrontos e dificuldades que enfrenta ao chegar na nova cidade, da importância desse outro em sua trajetória, das conseqüências e ameaças de se ocupar o espaço de outrem.

“A condição mesma da casa alugada, do lugar de inquilino, já assinala para o sujeito a falta de seu habitat próprio. Inquilino é aquele que habita a casa de outrem, que não tem a sua própria casa. O prédio onde o personagem vai habitar está longe de representar o doce lar. Longe do espaço familiar, o sujeito sente-se sem o seu invólucro. Ao perder seu espaço mínimo de referência, o sujeito fica aberto à incidência ameaçante e arrebatadora do outro.” (Ferreira, 1996, p.45)

A palavra **provisório** representaria as várias situações da vida comum que os indivíduos se submetem em sua trajetória, seja em busca de aventuras, experiências, espaço, ou de mudança, como no processo migrante, um viver provisório, temporário, que evita a criação de laços, a fixação de raízes, embora, não deixe de receber e absorver as influências do novo lugar, do outro que insiste em se tornar presente.

E o que seria o **permanente**?! Utilizando-nos novamente do dicionário Aurélio (Ferreira, 1986), permanente seria algo duradouro, “que permanece, contínuo, ininterrupto, constante, que tem organização estável”. Dentro de nossa discussão emprestamos a este vocábulo o valor de adjetivo da palavra provisório, pois qualifica, diz-nos que não é um provisório qualquer e sim um provisório que permanece, que tem uma organização estável. E esta organização estável, basearia-se no desejo de retorno, de não fixação, onde o migrante direcionaria sua vida e planos ao do sonho de retorno, mesmo que esse retorno não tenha data ou condições de acontecer. Embora, o inquilino e o migrante vejam suas situações como passageiras, temporárias, elas podem perdurar por tempo indeterminado, o que acontece na maior parte das situações. Nasceria, então, um contexto sociocultural peculiar o contexto migrante, caracterizado pela situação do provisório que permanece, do viver e sentir-se em constante partida, mesmo sem

previsão, ou “criando-se a forte tendência de fixarem-se neste novo local sem deixarem de pensar num possível retorno”, como nos assinala Sales (1991).

Sendo assim, traçamos nosso primeiro pressuposto, a partir do pensamento do provisório, baseado na “mentalidade administrativa e sociocultural do estado de Roraima” (Brasil, 1997), bem como em estudos sobre migração que também colocam o provisório como fato e desejo presentes na realidade migrante (Menezes,1976; Piore,1979; Sales,1991; Ferreira,1996; Rebello,1997):

- O “Provisório-Permanente” seria um contexto sociocultural característico da cidade de Boa Vista e, como tal, intensificador das dificuldades e mudanças sofridas com a migração.

Estaríamos metaforicamente atribuindo ao contexto do provisório, a própria condição migrante, onde o desejo de retorno estaria presente desde sua partida. E ao encontrar na cidade de destino condições e estruturas socioculturais e econômicas, propícias ao reforço deste pensamento de não fixação, teríamos o contexto do Provisório-Permanente.

E para a formulação de nosso segundo pressuposto, reforçamos a importância da influência da cultura e de suas subdivisões, bem como da dicotomia de visões geradas a partir desta subdivisão. Ou seja, das diferentes formas de leitura de mundo e de sua expressão, devido a existência de várias subculturas presentes em uma sociedade complexa. Assim, este pressuposto estaria baseado nas diferentes formas de entender a experiência migratória , principalmente no que diz respeito aos mecanismos usados para amenizar os sofrimentos e/ou agravos à saúde:

- O migrante criaria mecanismos e explicações para sua experiência migratória, baseadas em seu *background* cultural e utilizaria-se de tais mecanismos como forma de amenizar seus sofrimentos implícitos no processo migratório, determinando, assim seu adoecimento ou não.

PARTE II - METODOLOGIA

O presente estudo refere-se a uma Pesquisa Social Estratégica (Minayo,1992), sobre migração e a influência do novo contexto sociocultural como agente facilitador ou não de dificuldades e sofrimentos. Segundo Minayo, a Pesquisa Estratégica teria a “finalidade de lançar luz sobre determinados aspectos da realidade”, mesmo não prevendo soluções práticas para os mesmos, sendo “particularmente adequada às investigações sobre saúde” (p.26).

Foram usados os discursos e representações socialmente construídas como material indispensável à investigação sobre a migração e o viver migrante, assim, privilegiamos a fala, o vivido, o sentido e o simbolizado pelo indivíduo que sente necessidade de explicar suas experiências (Jovchelovitch,1995). Adotando, portanto, a Metodologia Qualitativa, como estratégia de abordagem, por ser ela capaz de “incorporar o significado e a intencionalidade como fundamentais às construções humanas, contidas em seus atos, relações e estruturas sociais” (Minayo, 1992, p.10). O fato desta metodologia permitir a proximidade entre entrevistado e entrevistador, foi decisório em nossa escolha, visto que, “autor e intérprete fazem parte do mesmo contexto”. Ou seja, o investigador também é migrante na cidade escolhida para o estudo e oriundo da região sudeste como os sujeitos a serem investigados, além de possuir outras características em comum com seus entrevistados.

Sendo assim, coube ao investigador tratar cuidadosamente de suas impressões e interpretações acerca do material colhido, partindo da proposta de Velho (1978), de que “o processo de estranhar o familiar torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações” (p.45) .O investigador, então, esforçou-se em transformar o “Exótico em familiar e o Familiar em exótico” (Da Matta, 1978).

1-Valorizando a Fala

O elemento escolhido como fonte de construção e reconstrução da história e vivência migrantes foi a fala, a palavra, fundamental veículo para interação de pessoas ou grupos, definindo e estabelecendo referências do contexto sociocultural, profissional e pessoal dos atores sociais. E foi através da fala, que buscamos interagir com nossos entrevistados, dando-lhes liberdade de expressão e tempo para remontarem suas experiências, sejam elas referentes à migração em si ou à vida pessoal como um todo. Para Minayo (1992), a fala revelaria “condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos” (p.109) e ao mesmo tempo transmitiria por seu porta-voz, representações de determinados grupos, situando-os histórica, social, econômico e culturalmente.

Cardoso (1989) observa que a linguagem falada carrega em si uma variedade de informações, estabelecendo uma relação efetiva entre entrevistado e entrevistador, permitindo que ambos criem e reflitam sobre ela simultaneamente. Assim, pesquisador e depoente, por serem sujeitos da história, constroem conjuntamente suas narrativas ao entrelaçarem suas histórias, logo, a construção da fonte oral não advém de um trabalho solitário e individual feito pelo historiador, mas da interrelação destes dois personagens como nos esclarece a autora:

“Não há como negar que nossas histórias se misturam com a de nossos narradores e que por nossa vez, transformamo-nos em narradores também. Nossas formas de compor a história interligam-se à maneira de nossos sujeitos conceberem o ontem e o hoje [...] A fonte oral não é estática e individualizada, porque resulta da comunicação estabelecida entre dois seres humanos que vivem a história” (pp. 47-48).

Em nossa pesquisa pretendeu-se, através das fontes orais, estabelecer um intercâmbio entre narrador e ouvinte, preservando as histórias de vida que são

repassadas e imortalizadas pelas narrativas. Pois, as trocas e descobertas realizadas entre narrador e ouvinte, torna rica a experiência de vida, transmitindo conhecimentos, valores, lembranças, enfim, história; material imprescindível para a construção e preservação da cultura de qualquer sociedade.

Assim, privilegiamos o trabalho da historiadora Maria Helena Cardoso (1989) como base de nossas investigações no trabalho de campo, sem contudo adotá-lo como método, visto não termos seguido passo a passo seus quatro módulos de entrevista. Ela propõe um caminho para construção de fontes orais que vem sendo utilizado em pesquisas sobre saúde, como nos trabalhos de Rebelo (1997) e Souza (1998), entre outros. Buscamos retirar desta autora pensamentos e caminhos que consideramos interessantes para construirmos os relatos orais, nossa principal fonte de pesquisa.

Cardoso (1989) destaca a oralidade como forma primorosa de comunicação entre os sujeitos, possibilitando um recurso a mais para as descobertas e conhecimentos sobre a complexidade humana, ou seja, todo sujeito teria algo a transmitir, a repassar de sua história, de sua vida. Sendo assim, sua proposta de Construção de Fontes Oraís reconhece como fundamental a relação estabelecida entre entrevistado e entrevistador, pois quanto melhor e mais próxima se der a comunicação, mais rico o material colhido. Assim, as histórias se entrelaçariam, não permanecendo o investigador à parte da entrevista, mas sendo um co-autor: “É de sujeitos humanos vivos ligados por uma atividade em comum que nascem as fontes orais” (p.48).

Cardoso constrói, então, um caminho para apreensão das fontes orais, trabalhando com três tipos de memórias: “a coletiva (experiência da vida comunitária), a individual (expressando desejos e conflitos) e a histórica (recordação dos fatos de forma entrelaçada)” (Rebello,1997, p.41). Seu método, então, é composto por quatro módulos de entrevistas interdependentes, de forma a construir um todo, tendo como finalidade principal o desenho da “construção da identidade ideológica, ética, psíquica, política e social dos entrevistados” (Cardoso, 1989, p.61). No entanto, a existência de quatro módulos não significaria, necessariamente, a realização de quatro entrevistas apenas, e sim quantas forem necessárias para a construção das histórias de nossos investigados.

O primeiro módulo consiste “numa entrevista previamente marcada” com os entrevistados, sem o uso de gravador. Neste primeiro contato, é feita a apresentação da

proposta de trabalho, estabelecendo-se os primeiros passos para uma comunicação baseada no respeito e na confiança. Esta entrevista tem como objetivo a coleta de dados básicos do entrevistado, transformando-os num “retrato” do investigado, resultando num *paper*.

O segundo módulo tem como objetivo a reconstrução da história pessoal do entrevistado, desde sua infância até os dias atuais. Delimitaria-se, assim, a identidade sociocultural do depoente.

O terceiro módulo “volta-se prontamente para o registro das relações entre inserção social e ação política do entrevistado” (Cardoso, 1989, p.72). Por ser um módulo essencialmente temático, torna-se necessária a elaboração de um roteiro prévio de entrevista, não tendo esse, no entanto, o objetivo de limitar a livre associação ou outras manifestações do entrevistado. Sua finalidade, então, seria a de fazer a ligação entre os objetivos da pesquisa e as histórias dos entrevistados, focalizando suas experiências sociais e o tema central da pesquisa.

O quarto módulo objetiva a complementação dos módulos anteriores, “contribuindo para a contracheragem” do material até então recolhido (Rebello, 1997 p. 42). Neste momento, o entrevistado fala livremente sobre sua experiência migratória, interpretando-a , possibilitando a verificação das divergências ou convergências do discurso.

Com a valorização das fontes orais, pretendemos dar voz ao vivido e sentido por nossos personagens, que ao lembrarem e relatarem suas experiências, nos é aberto um imenso caminho de questionamento sobre a migração e o viver migrante. E ao nosso ver, só podem ser estudados ou mesmo pensados, através de experiências reais, que trazem consigo as marcas e sinais deixados na trajetória da mudança, do deslocamento e do crescimento. Com isso, ao ouvirmos nossos migrantes nos colocamos a seus dispor , para que sentissem segurança, confiança e liberdade para remontarem suas histórias, tão valiosas para nossa investigação. Com este pensamento, observamos nossos interlocutores de forma ampla, registrando no gravador as palavras e silêncios e em nossa mente (para depois passarmos para nosso diário de campo), as expressões faciais, suores, tremores, choros, trocas e fugas de olhares , ou sejam, as várias formas de linguagem, que usamos para nos comunicar, mesmo que às vezes de forma inconsciente.

Foram entrevistados sete profissionais de saúde migrantes, oriundos das regiões Sul e Sudeste do país, que exerciam suas atividades no Hospital Geral de Roraima (HGR). Para a seleção da amostragem qualitativa foram estabelecidos alguns critérios que descreveremos no capítulo III (Sujeitos da Pesquisa: Nossos garimpeiros – Os Migrantes), no entanto, dois em especial, surgidos no trabalho de campo, pareceram nos determinantes para a definição dos sujeitos de nossa pesquisa são eles: a aceitação voluntária e a disponibilidade de tempo para “nossos encontros”.

Como estratégia para a entrada em campo, tivemos como primeiro passo, a apresentação da proposta de trabalho à direção do HGR e a solicitação para realização da referida pesquisa nesta instituição. Nossa proposta foi aceita, com a máxima cordialidade e cooperação, fato que facilitou nosso acesso e permanência no hospital. A própria direção nos apresentou aos funcionários, explicando o motivo de nossa presença, possibilitando assim, o livre acesso às dependências desta instituição e nos forneceu uma lista contendo os nomes e áreas de atuação de todos os profissionais de nível superior. A partir desta lista foi feito o levantamento do local de nascimento e tempo de serviço destes sujeitos, com ajuda do Serviço Social. De posse destes dados, pudemos selecionar nossos migrantes, para em seguida estabelecermos contato, apresentando nossa pesquisa e forma de abordagem, para que voluntariamente aderissem ou não à investigação.

Na apresentação de nossa proposta de trabalho esclarecemos aos “candidatos” a investigados, da possibilidade das entrevistas serem realizadas em outro local que não apenas o HGR, ficando a critério deles a escolha de dia, hora e local. Assim, algumas entrevistas foram realizadas na casa do entrevistado, em consultório particular e no Hemocentro do estado.

Utilizamos-nos das técnicas da Observação Direta (realizada simultaneamente com as entrevistas e nas conversas informais nos corredores do hospital investigado, nos momentos de espera para o início de nossas “conversas a dois com propósito bem definido”) e da Entrevista (dividida em duas etapas, onde na primeira utilizamos a história de vida e na segunda, um roteiro para a entrevista semi-estruturada) para coleta do material de pesquisa (Cruz Neto, 1996)

A observação direta se dá através do contato direto do investigador com o fenômeno a ser observado, com o intuito de apreender a realidade vivenciada, na qual os atores sociais estão inseridos. Sua relevância se baseia na possibilidade do investigador captar dados e fenômenos que não são atingidos por meio da entrevista (Chizzotti,1995).

Desta forma, através da observação direta realizada no próprio ambiente de trabalho de nossos entrevistados, pudemos captar a estrutura, procedimentos e pensamentos imperantes neste hospital, marcados por uma nova política administrativa, comentada e questionada, tanto pelos profissionais, quanto pelos usuários desse serviço e que muito estava influenciando a vida pessoal e profissional de nossos migrantes, um verdadeiro momento de angústia pela instabilidade gerada por esta política. Para tanto, lançamos mão de conversas informais com outros profissionais que não só os entrevistados, de queixas e comentários ouvidos nos corredores, bem como, de gestos e comportamentos verificados na rotina desta instituição envolvendo nossos migrantes, outros profissionais e usuários do serviço. Tais observações e impressões retiradas do ambiente institucional foram registradas num instrumento chamado Diário de Campo, instrumento “pessoal e intransferível”, um “amigo silencioso” (Cruz Neto, 1996, p.63), a quem confidenciamos nossas angustias, questionamentos e percepções retiradas do ambiente de pesquisa e que nos acompanhou do início ao fim do trabalho de campo. O diário de campo pode ser um bloco ou um caderno, onde serão anotadas “todas as informações, que não sejam o registro das entrevistas formais”(Minayo, 1992). Estas informações foram confrontadas, na fase de análise, com os dados obtidos com as entrevistas, ajudando portanto, como complemento para nossas conclusões, visto que a análise se fundamentou em pistas, indícios, sinais, ou seja, naquilo que às vezes não é dito.

A entrevista nos auxiliou na apreensão do significado da migração, ressaltando suas especificidades e vicissitudes a partir do discurso dos sujeitos que a estavam vivenciando, servindo de rico material para análise, por referir-se à comunicação direta com aquele que representa o universo investigado, o migrante. Assim, a utilização desta técnica reafirma nosso interesse pela palavra, pelo verbalizado, visto ser ela “uma comunicação que reforça a importância da linguagem e do significado da fala”. (Cruz Neto,1996, p.57)

Nossa investigação foi dividida em duas etapas de entrevistas, na primeira, a História de Vida como estratégia de conhecimento mais detalhado de nossos entrevistados, servindo também como meio de aproximação e desinibição, pois nossos atores sociais viram nesta técnica a oportunidade de rememorem suas histórias, acontecimentos e passagens, às vezes, esquecidas ou deixadas de lado, e como eles mesmos definiram, uma boa oportunidade de reavaliarem e desabafarem sobre tais fatos. O relato abrangeu acontecimentos que os próprios sujeitos acharam importantes, a partir da solicitação do entrevistador para falarem de suas trajetórias até o momento da migração. Partiram, então, de suas infâncias, indo até o momento que estavam vivenciando. Esses primeiros encontros foram marcados por muita emoção, onde a alegria e a tristeza ao lembrarem suas histórias, ajudou bastante na relação com o entrevistador, que passou a ter um papel de ouvinte contumaz, um parceiro neutro para possíveis reflexões, haja visto, que os próprios entrevistados iam direcionando a conversa e pensamentos reflexivos que às vezes eclodiam.

Assim, a história de vida foi adotada como elemento complementar das entrevistas semi-estruturadas, aplicadas numa segunda etapa de trabalho e direcionadas para o tema desta pesquisa. Os relatos muitas vezes feitos em forma de confidências e/ou desabafos nos forneceu um perfil detalhado de nossos informantes, favorecendo uma ampla análise do vivido e sentido com a migração, nosso verdadeiro enfoque.

Para Cruz Neto (1996), a história de vida teria como função principal “retratar as experiências vivenciadas, bem como as definições fornecidas por pessoas, grupos ou organizações” (p.58). Já Minayo (1992) a considera um “instrumento privilegiado” para interpretação do processo social, a partir das pessoas envolvidas, sendo as experiências subjetivas dados importantes que “falam além e através dela” (pp. 126-127).

Cientistas sociais que se utilizam desta técnica acreditam serem um bom complemento para as entrevistas, questionários e a observação participante, fornecendo, assim, um reforço a estes instrumentos de coleta de dados, “por acrescentar dados pessoais e visões subjetivas a partir de determinado lugar social”.(Minayo, 1992, p.127)

A entrevista semi-estruturada caracteriza-se por articular questões abertas e estruturadas, possibilitando uma abordagem de certa forma livre, sem rigidez na

formulação das questões, havendo a elaboração de um roteiro composto por poucas questões. O roteiro tem como objetivo servir de guia ao entrevistador, não sendo um instrumento de cerceamento para o entrevistado, ou seja, constitui-se num mecanismo para orientação de uma “conversa com finalidade”, um facilitador de abertura, de ampliação e de aprofundamento da comunicação” (Minayo, 1992, p.99).

Assim, a entrevista semi-estruturada teria a qualidade de elucidar de maneira mais ampla possível as interrogações que o pesquisador pretende investigar no trabalho de campo.

Nosso roteiro baseado no tema da migração apresentou como tópicos principais os seguintes temas: 1) motivo da migração e programação do tempo de permanência; 2) dificuldades com a migração; 3) processo de adaptação; 4) concepção da nova cidade; 5) Percepção de mudanças após a migração; 6) a cidade de origem - a saudade; 7) o desejo de retorno; 8) o viver migrante. Tais questões não descartaram a possibilidade do entrevistado acrescentar outras que achasse relevantes.

Mediante consentimento dos entrevistados, feito num encontro prévio onde colocamos nossos objetivos e procedimentos de pesquisa, todos os demais encontros foram marcados pela presença e utilização do gravador.

2 - O Paradigma Indiciário como Proposta de Análise

Minayo (1992) nos esclarece e nos conforta ao comentar que a fase de tratamento do material é considerada pelos pesquisadores, uma fase de impasse, onde nos deparamos com grandes obstáculos. Um deles, chamado de “ilusão transparente” (p. 197), expressão que a autora retira de Bourdieu, e que seria a compreensão instantânea dos dados colhidos, “como se o real se mostrasse nitidamente ao observador” (p.197). Buscando não cair nesta armadilha, refletida na facilidade de interpretar os dados, com a simples leitura e compreensão das narrativas extraídas de nossas entrevistas, nos apoiamos no paradigma indiciário, ou seja, fomos além daquilo que está aparente, que é revelado como verdade clara, dando ênfase ao implícito, ao visivelmente não identificado.

Desta forma, nossa análise baseou-se nas falas, impressões e observações produzidas do contato com os entrevistados e seu ambiente de trabalho, sempre com a preocupação de irmos além do meramente relatado ou do simplesmente respondido. Assim, vimo-nos influenciados por nossa formação clínica em psicologia, que trabalha basicamente com o não dito, o não revelado claramente, com as contradições, pausas, silêncios, lapsos, negações e repetições, bem como, com o relato da história de vida, para buscarmos no passado explicações para o presente e quem sabe subsídios para projetarmos o futuro. Através destes indícios, tentamos entender as atitudes, mudanças e mecanismos criados e utilizados pelos migrantes para representarem suas experiências migratórias.

A análise e interpretação dos dados realizaram-se pelos princípios da análise indiciária proposta por Ginzburg (1991), onde o “gosto pelo detalhe revelador” (p.08), marca suas obras. O trabalho deste historiador consiste em aplicar a seus textos literários uma reflexão sobre “os sinais aparentemente negligenciáveis” (Rebello, 1997, p.43).

Ginzburg nos mostra como, no final do século XIX, emergiu de forma discreta no ambiente das ciências humanas, o paradigma indiciário, embora, não teorizado de forma clara, mas “amplamente operante de fato” (p.08). Partindo do crítico de arte Morelli, do personagem de Arthur Conan Doyle, o detetive Sherlock Holmes e

do pai da psicanálise, Freud, ele elabora o paradigma de um saber indiciário, que se baseia, na busca e utilização dos pormenores reveladores à elaboração do conhecimento. Um paradigma que se firma nos detalhes, no que aparentemente é irrelevante, mas que na verdade é de fundamental importância na construção e explicação do conhecimento científico. Este autor delinea uma analogia entre o método moreliano (criado “para atribuição dos quadros antigos”, que ensinava de forma segura a distinguir uma cópia e um original, podendo devolver a seu verdadeiro autor obras às vezes não assinadas e atribuídas incorretamente a outro), o método indiciário utilizado pelo detetive Sherlock Holmes (que através de pistas, “de indícios imperceptíveis para a maioria desvendava seus crimes) e o método psicanalítico de Freud para interpretação dos sintomas. Esta tripla analogia nos traz como referencial, pistas mínimas e aparentemente insignificantes, que permitem desvendar “uma realidade mais profunda, de outra forma inatingível”. Assim, trabalha com detalhes negligenciados, para trazer à tona surpreendentes descobertas e interpretações, construindo hipóteses e sugerindo conclusões:

“Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas - sinais, indícios que permitem decifrá-la [...] Essa idéia constitui o ponto essencial do paradigma indiciário”. (Ginzburg, 1991, p.177)

“Pistas: mais precisamente, sintomas(no caso de Freud), indícios(no caso de Sherlock Holmes), signos pictóricos(no caso de Morelli)”.(op.cit, p.150)

Sendo assim, nossa análise não se pautou apenas no concreto, representado, pelas respostas e discursos de nossos migrantes. Fomos além, analisando também conteúdos afetivos, que nos forneceram importantes contribuições no momento de traçarmos um perfil do tipo de migração estudada, bem como de seus personagens, que não foram considerados meros relatores de histórias e vivências, mas “formuladores de

teorias científicas ou de senso comum - na criação de uma realidade consensual” (Spink, 1995, p.142). Acreditamos que na complexa formação do Eu, que abarca sistemas sociais, culturais, históricos e psíquicos, os enigmas e interrogações motivam a constante busca de preenchimento e de completude pessoais, levando esses indivíduos, em sua ânsia por respostas e definições, além de seus limites e planos, construindo a tão maravilhosa arte humana de criar explicações para os fenômenos vivenciados e presenciados, retirando de conteúdos internos, das dimensões sociais e do saber popular, material para suas representações de mundo.

3 - Universo a ser garimpado

3.1 - Local da investigação

A pesquisa foi realizada no Hospital Geral de Roraima (HGR), localizado na cidade de Boa Vista, capital do estado de Roraima. A instituição escolhida caracteriza-se como hospital de referência para todas as clínicas, sendo o maior hospital do estado, comportando assim, grande número de migrantes em seu quadro funcional, visto que a maioria dos profissionais de saúde vieram de outros locais, a convite do governo do estado, devido à ausência de profissionais do próprio local. Outro fator decisório para a escolha desta instituição, refere-se às relações profissionais que a pesquisadora estabeleceu na época que pertencia ao quadro funcional do governo do estado, como profissional de saúde, dado que facilitou sua entrada e permanência nesta instituição. Assim, sua aceitação dentro do HGR, foi considerada satisfatória, não sendo vista como uma total estranha, mas como alguém que já havia vivenciado a rotina institucional de um hospital, desejando agora estudar seus habitantes.

Cabe-nos ressaltar que no período da pesquisa, fortes transformações e mudanças administrativas e políticas se processavam neste local. Uma delas era a implantação do PAI (Plano de Atendimento Integral a Saúde) “importado” da cidade de São Paulo, que muito estava mexendo com a tranquilidade de profissionais e usuários desta instituição.

Tal proposta acabava com a Cooperativa de Profissionais de Saúde, responsável até então pelos contratos de todos os profissionais de nível superior, com exceção daqueles funcionários da União cedidos ao estado de Roraima. As contratações se davam através da cooperativa porque o estado não possuía um quadro de profissionais, visto nunca ter realizado concurso após a extinção do Território Federal.

O PAI propunha novas formas de contratação, salário, jornada de trabalho, bem como uma nova organização político-administrativa, criando funções e setores, acabando também com direitos trabalhistas, que embora não fossem oficializados pela

Cooperativa, vinham sendo pagos por ela. Tais informações incompletas e superficiais, foram colhidas junto aos profissionais, que não estavam muito a par das novas propostas, mostrando-se ansiosos e apreensivos por estas mudanças. No entanto, não consideramos necessário a investigação mais detalhada sobre essa nova política, sendo relevante para nós apenas perceber as consequências por ela geradas, como o clima de extrema insegurança e insatisfação que pairava sobre aquele ambiente, servindo como pistas para nossa análise. O fato de adotarem uma política de saúde também importada, ou seja, migrante, nos chamou atenção para nossa metáfora do Provisório-Permanente, mostrando-se e definindo-se no convívio com nossos sujeitos. O PAI era mais uma tentativa da política de saúde de modificar um sistema não solidificado e estruturado como o adotado no estado de Roraima. Lembramo-nos, ainda, que a própria pesquisadora ao ser convidada a trabalhar neste estado, tinha como tarefa ajudar na implantação de uma proposta na área da saúde mental, que não foi implantada, sendo conseqüentemente descartada por falta de incentivo e ajuda do governo, levando seus profissionais a abandonarem este serviço ou buscarem outras áreas de atuação a partir do esfacelamento do programa de saúde mental. Assim, estas observações e associações serviram de complemento para a análise das entrevistas.

Logo, ao escolhermos o HGR como local de nossa investigação, vislumbrávamos um ambiente com grande contingente de migrantes para que pudéssemos selecionar aqueles que melhor representassem nosso universo de pesquisa, possuindo as características seletivas adotadas por nós, tais como: ser migrante oriundo das regiões sul ou sudeste do país, profissional de saúde de nível superior, além de estar inserido no mercado de trabalho deste estado. Assim, esta instituição funcionou como ambiente ideal para a escolha de nossos sujeitos.

3.2 - Sujeitos da pesquisa

Nossos garimpeiros – Os Migrantes

O personagem escolhido para este estudo é o migrante nascido ou que tenha passado a maior parte de sua infância ou adolescência numa grande ou média cidade das regiões sul ou sudeste, tomando assim, como referência, o contexto sociocultural deste local. Outra característica importante refere-se ao seu grau de instrução e formação, pois falaremos de profissionais de saúde de nível superior que desempenham suas atividades no HGR. Este trabalho, então, falará do sofrimento, alegria, descoberta e vivência de pessoas que por convite, seja profissional (em sua grande maioria) ou familiar, deixaram o grande centro para aventurarem-se numa cidade pouco desenvolvida da região norte do país. Sendo assim, abrimos mão do legendário migrante brasileiro (o nordestino), como referencial de representação da migração.

Os sujeitos de nossa pesquisa são migrantes adultos de ambos os sexos, que preenchem os seguintes requisitos: profissionais de saúde de nível superior, inseridos no mercado de trabalho logo após a chegada no estado de Roraima, e exercendo suas atividades profissionais no HGR, além de residirem neste estado a pelo menos dois anos.

O número de migrantes entrevistados foi determinado pela quantidade de profissionais que atendiam às nossas exigências e que possuíam disponibilidade e desejo de participarem da pesquisa. Desta forma, selecionamos sete profissionais que se dispuseram prontamente a nos ajudar e com disponibilidade de tempo suficiente para nossas entrevistas, visto que, dos dez eleitos, três não conseguiram horário entre suas atividades para nos dispensar. No entanto, este fato em nada interferiu em nosso trabalho, pois a abordagem qualitativa não possui um critério numérico para sua amostragem, pois como nos afirma Minayo (1992) “uma amostra ideal é aquela capaz de refletir a totalidade nas suas múltiplas dimensões” (p.102). Usamos, então, como princípios para definir o número de migrantes, a escolha de sujeitos que possuíssem as características que desejávamos conhecer; informantes de diferentes áreas profissionais

vinculadas à saúde, para possibilitar a apreensão de semelhanças e diferenças, além do esforço para que “a escolha do locus e do grupo de observação e informação” contivesse “o conjunto das experiências e expressões” que se pretendia objetivar com a pesquisa (p.102). Sendo assim, “ a questão da validade dessa amostragem está na sua capacidade de objetivar o objeto empiricamente, em todas as suas dimensões”. (p.103)

Nossa amostragem, então, contou com quatro médicos de especialidades diferentes, sendo dois homens e duas mulheres, duas assistentes sociais e uma enfermeira. Características como: a formação; o maior número de pessoas do sexo feminino e de profissionais de medicina, bem como a predominância de sujeitos oriundos do estado de São Paulo, foi resultado da realidade encontrada em campo e não uma escolha ou preferência do pesquisador. Gostaríamos ainda de esclarecer que a grande quantidade de migrantes “importados” deste grande centro, foi devido a visitas feitas pela antiga secretária de saúde a hospitais conceituados da cidade de São Paulo à procura de profissionais que desejassem trabalhar no estado de Roraima.

Como já foi mencionado, nosso desejo de estudar a migração não se baseou na pessoa do nordestino, o migrante brasileiro por excelência, mas em indivíduos oriundos de grandes centros, que atualmente representam o novo fluxo migratório, ou seja, a fuga dos grandes centros e a procura por locais em desenvolvimento. Cabe ainda ressaltar, que a escolha do profissional de saúde, se deve ao fato de nossa investigação referir-se às questões de saúde e tais sujeitos, ao nosso ver, serem importantes informantes sobre a associação entre mudança de contexto e adoecimento, ou seja, nos interessava ver como os profissionais de saúde lidavam e resolviam seus problemas de adaptação, sofrimento e falta advindos da migração, já que são eles os grandes intermediários entre a “illness” vivenciada pelo paciente e a “disease” diagnosticada pelo médico e sua equipe.(Helman,1994)

Os Garimpeiros

Estamos denominando garimpeiros os sujeitos de nossa pesquisa, baseando-nos para isso, na associação estabelecida entre migração e garimpo, descrita por nós no início deste trabalho, onde comparamos o viver garimpeiro ao viver migrante e o contexto sociocultural da cidade de Boa Vista a um enorme garimpo, sendo o provisório, o passageiro, o temporário fatores permanentes nos pensamentos, atos e projetos de seus moradores e governantes. Assim, para preservarmos a identidade de nossos entrevistados optamos por nomeá-los garimpeiros e numerá-los como forma de diferenciação.

Esclarecemos ainda, que a transcrição das entrevistas foi feita de forma integral e literal, preservando fidedignamente o relato de nossos sujeitos. No entanto, escolhemos apenas alguns fragmentos para ilustrarmos seus pensamentos e opiniões, ou seus argumentos e quando necessário, foram feitas sutis modificações para obtermos maior clareza e facilidade de leitura. Para a apresentação dos migrantes-garimpeiros, utilizamo-nos do resumo da história de vida, selecionando dados relevantes às suas caracterizações, mas sempre com a preocupação de não expô-los, visto ser a cidade em questão pequena, ficando assim, estes profissionais em certa evidência.

Garimpeiro I

Médica, 32 anos, nascida numa grande cidade da região Sudeste, solteira, coordena um dos programas da Secretaria Estadual de Saúde. Foi para Roraima através de convite de pessoa da família, que lhe conseguiu uma vaga como médica e coordenadora do programa vinculado a sua especialidade. Está há dois anos e seis meses nesta cidade. Seu vínculo com o HGR se dá através da cooperativa de saúde do estado, sendo também funcionária concursada da Fundação Nacional de Saúde, além de atender em consultório particular. Possui um companheiro e atribui a esta relação grande parte das motivações de permanecer ainda em Roraima. Considera como principal motivo de sua migração a necessidade de construir algo que fosse realmente seu, bem como a de

conseguir um emprego que pudesse dar conta de suas dívidas, além de desejar mudar algumas coisas que a incomodavam internamente.

Garimpeiro II

Médico, 39 anos, casado, três filhos, natural de uma grande cidade do Sudeste, morando em Boa Vista há dois anos. Sua ida se deu a convite da antiga secretária de saúde do estado, que fazia visita ao hospital onde trabalhava, objetivando recrutar profissionais interessados em trabalhar em Roraima. Foi a princípio sem família, para perceber a cidade e a possibilidade de adaptação, após ficar dois meses sozinho, solicitou a vinda da família, que não se adaptou e retornou dois meses após a chegada. Desempenha suas atividades no HGR e no Hemocentro do estado através de vínculo com a cooperativa de saúde. Ainda conserva seu antigo emprego na cidade de São Paulo por ser funcionário estadual e ter solicitado licença sem vencimento. Alegou como principal motivo da migração a vida atribulada dos grandes centros, com congestionamentos e a correria do dia a dia para dar conta dos vários empregos.

Garimpeiro III

Médico, 38 anos, casado, dois filhos, nascido numa cidade da região Sudeste, está em Boa Vista há dois anos e dois meses, por ter recebido convite da antiga secretária de saúde, que recrutava médicos no hospital em que trabalhava em São Paulo. É funcionário federal, fato que facilitou sua decisão na hora de partir, pois conseguiu transferir-se para Roraima sem prejudicar seu emprego. Além de cumprir sua carga horária com funcionário estável, possui contrato com a cooperativa de saúde, exercendo suas atividades no HGR e no Hemocentro estadual. Colocou como motivo principal de sua mudança, a vida tumultuada de um grande centro, com engarrafamentos, necessidade de trabalhar em vários locais diferentes, dificultando o convívio familiar. Sendo assim, ressaltou que dois fatores pesaram muito em sua decisão: a má qualidade de vida da

cidade grande e as péssimas condições de trabalho e assistência do serviço público de saúde.

Garimpeiro IV

Médica, 35 anos, casada, três filhos, nascida num estado da região Sudeste. Foi para Boa Vista há dois anos através de convite da secretária de saúde, que estava a procura de médicos que se dispusessem a trabalhar em Roraima, oferecendo a ela e a seu marido, que também é médico, as coordenações dos programas de saúde de suas respectivas especialidades. Desempenha suas atividades no HGR através de vínculo com a cooperativa de saúde, além de ter seu próprio consultório. Tanto ela como o marido não possuem mais ligação com seus antigos empregos. Mencionou como motivos da ida para Boa Vista, o convite para assumir a coordenação e a vida atribulada de um grande centro, que estava dificultando o relacionamento familiar pela falta de tempo, devido às muitas atividades que eram obrigados a ter.

Garimpeiro V

Assistente Social, 38 anos, nasceu numa pequena cidade da região Sul, mas sua formação se deu na capital do estado onde morava até a mudança para Boa Vista. Mora há sete anos nesta cidade e vive há quatro com seu companheiro com quem tem dois filhos. Considera este relacionamento fator decisivo para sua permanência em Roraima. Foi sozinha para este estado através de convite, feito por telefone pela Superintendente da extinta Legião Brasileira de Assistência (LBA), que havia recebido referências suas de colega em comum. O convite era para assumir a Gerência de Programas desta instituição, por um período de seis meses, mas acabou ficando por mais seis meses. Findo este prazo, conseguiu emprego no recém inaugurado HGR, onde

já trabalha há seis anos. Não possuiu mais vínculo profissional com o Sul do país , mantendo apenas com a cooperativa de saúde. Colocou como principal motivo da migração a proposta salarial e a possibilidade de aventurar, conhecer outra realidade que não apenas a sua, pois achava sua vida muito estacionada.

Garimpeiro VI

Assistente Social, solteira, 27 anos, natural de uma grande cidade do Sul. Foi para Boa Vista há dois anos e seis meses, logo após terminar sua faculdade pois precisava arranjar um emprego, embora já tivesse a garantia de conseguir uma vaga como professora na cidade de General Câmara, onde sua família reside. No entanto, preferiu aceitar o convite de seu tio que morava em Boa Vista, para tentar algo na sua área. Ao chegar em Roraima conseguiu uma vaga de assistente social na Secretaria Estadual do Trabalho e Bem Estar Social (SETRABES), ficando nesta instituição menos de um mês, indo trabalhar na polícia militar, onde permaneceu por cerca de dois anos. Seis meses após a sua chegada, conseguiu a vaga de assistente social no HGR tão almejada por ela. Atualmente só desempenha suas atividades neste hospital, através da cooperativa de saúde. Possui um companheiro, tendo sido o início deste relacionamento um fator decisivo para não retornar a seu estado.

Garimpeiro VII

Enfermeira, 34 anos, casada, uma filha, nasceu no Sul do país. No entanto, foi para uma grande cidade da região Sudeste aos 5 anos de idade devido à transferência de seu pai que era militar, ficando nesta cidade até sua ida para Boa Vista, que se deu há

seis anos. A mudança para o estado de Roraima aconteceu através de convite feito a seu marido por amigos, que tinham uma proposta de trabalho na área dele, ciências contábeis, visto que o mercado de trabalho no Rio estava saturado. Assim, seu marido foi sozinho para perceber as condições de trabalho e do próprio local. Ela permaneceu no Rio até tirar férias, pois já trabalhava como enfermeira para o estado e em clínica particular. Ao conhecer a cidade decidiu se mudar de vez, solicitando licença sem vencimento no estado e pedindo demissão de seu outro emprego. Ao chegar em Boa Vista entregou seu curriculum, ficando um mês sem trabalhar. Foi contratada pelo estado através da cooperativa de saúde, não possuindo mais ligação com seus antigos empregos no Rio de Janeiro.

4 - Narrativas e Vivências Migrantes

Confrontando as falas com as teorias e conceitos pesquisados sobre nosso tema, vimos surgir cinco grandes tópicos de análise, são eles: *A Representação da Migração*; *O Motivo*; *As Dificuldades*; *O Novo Contexto*; *Os Mecanismos*, que foram denominados de forma metafórica, onde o cinema, a música e o imaginário popular se fizeram presentes no momento de nomeá-los. Optamos por introduzir as falas de nossos migrantes aos tópicos de análise, para em seguida comentá-los e discuti-los.

4.1 - Representando a Migração

A Nordestificação

“ Eu nunca pensei na idéia de ser migrante, nunca me vi como uma migrante...A figura do nordestino que vai para São Paulo, ele vai para ficar, para melhorar de vida, vai com o intuito de morar lá, ele leva tudo. Essa era a idéia que eu tinha de migrante”.

(garimpeiro I)

“ A gente é migrante geográfico e até na cabeça, a gente está migrando sempre...Crescimento pessoal, profissional, emocional, é você lidar com as adversidades, sendo migrante você está trocando informações, tanto pra mais quanto pra menos, você está acumulando bagagem e experiência.” (garimpeiro II)

“ Quando eu estava no Sudeste falavam em migrante, eu sempre imaginava um nordestino chegando na rodoviária com as trouxas, passando o maior sufoco. Eu nunca havia parado para pensar nisso: eu sou migrante já fui pra lá, já fui pra cá, interessante...”

(garimpeiroIII)

“ Aqui todo mundo é migrante. Eu nunca havia pensado nisso antes. O migrante que eu tinha na cabeça, era aquele que pensa em ficar a vida inteira, por isso talvez não me considere uma migrante, por meus laços aqui. E eu tinha a imagem do nordestino que ia para São Paulo sem emprego, que pertencia a um nível mais baixo, eu só tinha essa idéia.”

(garimpeiro IV)

“ Eu sempre pensei em migrante por motivo de sobrevivência. O pessoal do nordeste que vai para São Paulo. O nordestino que sai da sua terra seca por causa da sobrevivência, ele é obrigado, praticamente obrigado. Neste caso ele foi empurrado a procurar emprego numa cidade grande para sobreviver e possibilitar a sobrevivência de sua família. Por esse aspecto especificamente, eu não me considero uma migrante, eu vim para construir a minha família. Foi uma escolha minha vir, como foi uma escolha ficar.” (garimpeiro V)

“ A migração é a busca do auto-conhecimento, um corte no cordão umbilical.”

(garimpeiro VI)

“ Ser migrante é a pessoa sair de sua terra natal e tentar a vida em outra terra, procurar se adaptar, crescer, melhorar.” (garimpeiro VII)

Seja nos filmes, nos livros, nas músicas ou nos estudos científicos nacionais, o nordestino é visto e simbolizado como o migrante brasileiro, aquele que chora por sua terra, transformando essa dor em poesia, garra e referência.

Ao analisarmos as falas e representações sobre a migração e o migrante, percebemos o domínio das associações, migração - nordestino, migração – pobreza. A maioria de nossos sujeitos representou a migração através da figura do retirante nordestino, aquele que é expulso de sua terra, que vislumbra um grande centro ou uma cidade mais desenvolvida que a sua, como salvação, como única possibilidade de sobrevivência. Sendo assim, associaram migrante e migração a um contexto carente e fatalístico, um contexto diferente do vivido por eles, visto considerarem suas situações de vida mais privilegiadas, onde a opção e o desejo sobressaíram mais, que a necessidade e a obrigação. Pois, para eles, a mudança geográfica não significou meio extremo de sobrevivência e sim, uma possibilidade de crescimento, independência e descobertas, abrangendo tanto o campo profissional, como o afetivo e o pessoal.

Parece-nos, então, que ao partirem deste referencial culturalmente criado por nós, brasileiros, nossos entrevistados tiveram dificuldade de se perceberem ou de intitular-se como migrantes, visto não serem nordestinos, não terem fugido da seca, e possuírem escolaridade, podendo fornecer mão-de-obra qualificada e necessária ao novo contexto, fato que facilitaria o acesso à nova cidade. Outro ponto levantado por eles, refere-se à questão da escolha, ou seja, haviam optado pela mudança de cidade, controlavam, assim, a situação de transferência, mudança e permanência. Pois, para eles o nordestino não teria opção, não controlaria seu desejo e ato, sendo expulso e obrigado a abandonar sua terra.

Para Ferreira (1996: 217-218):

“[...] a representação do migrante mais dominante no imaginário coletivo atual é a de um indivíduo ou de indivíduos chegando à cidade, mal equipados mental e instrumentalmente para o modo de viver urbano. O migrante aparece, assim, representado pela imagem da carência lingüística, simbólica, material e instrumental. A mítica do esforço e da luta para vencer na cidade faz parte desse universo representacional, já que ele tem que fazer do carecimento, o combustível para funcionar no espaço da urbe.”

Logo, migrante seria sinônimo de pobreza e falta. Conseqüentemente a chegada do nordestino à cidade de São de Paulo, é a melhor ilustração da migração no imaginário coletivo dos brasileiros.

Teríamos, então, um referencial sociocultural, criado para definirmos a migração, que tem suas origens em nossa história, na migração campo-cidade, com a criação dos centros urbanos, com o processo de industrialização, que provocou o êxodo rural e a procura pela cidade, fonte de emprego e possibilidade de melhores condições de vida (Singer, 1995). Logo, nossos migrantes afirmaram em suas representações sobre migração a influência do *background* cultural na criação de explicações e na elaboração de mecanismos para suavizar as dificuldades e sofrimentos advindos do processo migratório.

O documentário “Tem que Ser Baiano?”, de Henri Gervaisieu (1991), nos retrata a proliferação desse imaginário coletivo do migrante brasileiro, através do preconceito de que os nordestinos sofrem nos grandes centros, usando como exemplo a cidade de São Paulo, que os generaliza e os exclui, nomeando a todos de baiano, forma pejorativa de tratar o “invasor”, pobre, desprotegido e sem cultura, que contribui para o inchaço e a pobreza da cidade de São Paulo.

Buscando estabelecer um paralelo entre nossos achados e comentários (utilizando-nos impreterivelmente das pistas rastreadas em nossas observações e entrevistas) e a teoria psicanalítica (já que ela também se pauta em indícios, no que está

incoberto e imperceptível aparentemente) vasculhamos “O Estranho” de Freud (1919) para tentarmos entender o sentimento de estranheza fornecido pela migração e o dado de estranhá-la como fato, como fizeram alguns de nossos entrevistados ao negarem² a condição de migrante. No entanto, não tivemos a pretensão de traçar uma análise profunda deste texto, tão complexo e rico, visto que este trabalho não se refere a um estudo da migração através de uma análise exclusivamente psicanalítica. Ao contrário, nos interessa saber como poderíamos utilizar conceitos psicanalíticos, muitos dos quais já popularizados e introduzidos no vocabulário de nossa população, para explicar a experiência migrante e o contexto do provisório-permanente.

É sabido que, para a psicanálise, o acaso não existe, havendo uma regra de interpretação que consiste em dizer que todo exemplo dado por um indivíduo possui sua marca, ou seja, tem a ver com seu inconsciente, uma superdeterminação que leva à escolha desse, e não de outro exemplo ou imagem (Cesarotto,1996). Assim, eleger a situação do nordestino chegando a São Paulo, como representação da migração, é muito mais que uma simples cena de preconceito ou segregação. Ao adotarem esta simbolização, nossos migrantes estariam aludindo ao outro, o nordestino, como posição de estrangeiro, daquele que **necessita** deslocar-se, e não daquele que **deseja**³ fazê-lo, pois a posição de ser desejante é atribuído a si próprio, como forma de diferenciação e afastamento de uma situação, percebida como negativa, inferior e sem controle, vivenciada pelo outro, ou seja, a migração incorreria em processo alterativo (Ferreira, 1996).

Para melhor ilustrarmos como ocorre o processo alterativo decorrente do estranhamento, fomos buscar em Cesarotto (1996) importante contribuição para entendermos como a psicanálise explica tal processo:

“ Numa primeira e definitiva identificação consigo mesmo, o sujeito humano se aliena de si quando mais esperava se integrar. O espelho, parâmetro de

²Estamos nos referindo ao mecanismo de defesa “negação”, verificado por Freud em seus estudos sobre a histeria. Tendo como definição: “Processo pelo qual o sujeito, embora formulando um dos seus desejos, pensamentos ou sentimentos, até então, recalçados continua a defender-se dele negando que lhe pertença”(p.293) .LAPLANCHE, J. & PONTALIS,J.B., (1970).**Vocabulário da Psicanálise**. Santos Livraria Martins Fontes.

³ Estamos nos referindo as definições de desejo e necessidade, fornecidas pela psicanálise. Ver em LAPLANCHE, J. & PONTALIS,J.B., (1970).**Vocabulário da Psicanálise**. Santos, Livraria Martins Fontes.

exterioridade, oferece-lhe a chance de se enxergar interior, mas ao preço de se ver como um outro. Nesta relação com o semelhante, a figura que se reflete aparece invertida, coincidindo o lado direito com o esquerdo, e vice-versa. Esta assimetria é o elemento que impõe a diferença no registro do idêntico, forçando a alteridade. Por este viés, aquilo que seria o mais conhecido e familiar, a própria imagem, vira estranho” (p.115).

Assim, nos pareceu que os entrevistados usaram em suas narrativas o parâmetro da exterioridade, do espelhamento para enxergarem-se interiormente, precisando atribuir a um outro a vivência e a realidade migrante. O não reconhecimento da própria imagem seria o estranho, o sinistro, aquele que vem de fora e ameaça, ou seja, o familiar é transformado em estranho, havendo, então, a bifurcação do eu, o nascimento do duplo. Desta forma, como nos informou Ferreira (1996), o migrante seria apreendido como representante fenomênico do estrangeiro, por sua representação emblemática do diferente.

4.2 O Motivo

Por que Migrar, Mudar o quê?

“ Eu vim meio fugindo de lá, por três motivos, o primeiro porque eu tinha esse problema de querer começar alguma coisa, em algum lugar e tirar essa insegurança de residente. O segundo, porque eu estava precisando pagar as minhas dívidas. E o terceiro é que eu vivia me apaixonando pelas pessoas erradas, sempre, sempre. Isso era uma coisa que eu queria mudar.” (garimpeiro, I)

“ Todo mundo veio para tentar melhorar o desempenho profissional, financeiro. Uma vez que você se desloca, a migração é isso aí, a melhora das condições gerais de vida, mesmo que a região seja inóspita por alguma situação.” (garimpeiro II)

“ Do ponto de vista profissional, lá eu estava insatisfeito, trabalhando muito em condições precárias. E estava ruim o meu relacionamento familiar, cheio de cobrança, eu não conseguia mais parar em casa.” (garimpeiro III)

“ Primeiro pelo convite, em grande parte pelas minhas condições de vida, pela minha família constituída, uma família grande. E eu estava cansada do meu emprego, não tinha muitas perspectivas e queria que o meu marido saísse do emprego em que estava. Aqui haveria muita coisa a se fazer, como a coordenação que me foi oferecida, um estado ainda virgem de estudo na minha especialidade.” (garimpeiro IV)

“...eu não conhecia ninguém, mas eu vim, eu vim com o espírito de conhecer, de aventurar...O salário e a possibilidade de uma vida, sei lá. Minha vida era muito estacionada, eu acho que não tinha perspectiva para minha vida lá (Curitiba).” (garimpeiro V)

“Necessidade de voar, de começar alguma coisa sozinha, de avaliar se eu teria condições de começar algo longe de todos. Fazer uma experiência, dar um corte no cordão umbilical.” (garimpeiro VI)

“Surgiu uma oportunidade na área do meu marido, pois no R. o campo dele estava saturado. Ele veio trabalhar aqui, e eu vim também.” (garimpeiro, VII)

O desejo de deslocamento, mudança, representaria o “lançar-se ao outro”, um outro desconhecido e desejado, um outro necessário para construção e formação dos indivíduos, que pela incompletude inerente a todo ser humano, acredita poder preencher tal vazio, com a posse ou ao ser possuído pelo outro. Este outro, vislumbrado na figura do novo local, o local de destino, visto como fonte de possibilidades e riquezas. O processo migratório, então, incorreria num jogo de sentimento e pensamento, à primeira vista antagônicos, já que o novo é percebido como ameaçador, mas altamente aspirado.

Assim, é o “desejo” (Laplanche e Pontalis, 1991), termo psicanalítico que teria como causa a falta, a ausência, que precisa ficar em suspenso, sem realização para que a vida não perca sua razão de existir, sendo a marca da incompletude essencial “para garantir a correlativa margem de movimento” (Cesarotto, 1996, p.125):

“Como salvaguarda, entende-se, então, a natureza histórica do desejo, obrigatoriamente condenado à insatisfação, chave de sua perenidade” (op.cit., p.125).

Este desejo de mudança, transformação, relatado por nossos entrevistados como motivo da migração, encontra ressonância no estudo de Ferreira (1994), quando

analisa a saída como busca de emancipação e da construção de uma identidade singular, realizando um desejo coletivo, o do desafio de uma vida em terras estranhas. Logo, o ato de deslocar-se não estaria apenas vinculado a conteúdos materiais e concretos, como o ganho financeiro, mas passaria também pela instância de conteúdos mais profundos e internos referentes ao psiquismo. A migração enunciaria no imaginário coletivo, a possibilidade de conquistas e ganhos, não conseguidos no local em que se estava como a busca da autonomia e independência, necessários ao bom desenvolvimento psíquico dos indivíduos, recaindo num processo de individuação (Vaitsman, 1994).

4.3 O Sofrimento e as Dificuldades Migrantes

A Saudade

“ Eu ainda deixo o quarto gelado à noite para poder dormir de cobertor. Eu me lembro das noites do Sudeste, por causa desse friozinho gostoso. Então, eu continuo mantendo isso, eu não suporto passar calor de jeito nenhum à noite para dormir.” (garimpeiro I)

“ De vez em quando dá uma tristeza, você fica pensando se seus filhos estão passando necessidade, apesar de conversar, de telefonar, mas é você aqui e eles lá, você vai avaliando... Você quer ver, quer tocar, sentir...” (garimpeiro II)

“ A gente sempre foi hiperurbano, de vez em quando dá uma saudade de um shopping, dos familiares, dos amigos.” (garimpeiro III)

“ Eu estou muito longe dos meus pais, da minha terra natal e eu nunca pensei em ficar aqui o resto da vida. Sinto falta da família, de ir a bons restaurantes, das coisas boas que há num grande centro. Ser migrante é viver com muita saudade, às vezes desesperadora e ter que engolir a seco essa saudade.” (garimpeiro IV)

“ Às vezes eu tinha depressão, quando ficava seis meses sem ir em casa, eu entrava em depressão, eu chorava de saudade da família.” (garimpeiro V)

“ O migrante vai sofrer sempre pela falta da família, que está longe.”
(garimpeiro VI)

“ Às vezes a gente vai a alguma festividade, e tudo ajuda a lembrar da nossa terrinha. A gente sente uma saudade muito grande, uma melancolia, uma saudade mesmo, de pai e de mãe.” (garimpeiro VII)

Como vimos, a migração não é só revestida de ganhos e conquistas, pois o deslocamento, o afastamento do familiar, engloba sofrimentos, perdas, solidão, saudades, incertezas e inseguranças, um conjunto de sentimentos e vivências, que o Eu agora deslocado (seja geográfica ou psiquicamente) precisa suportar. A busca interior por um espaço, por uma independência vivenciada na trajetória migrante, geraria angústias e sofrimentos decorrentes do processo de adaptação à nova cidade e condição, deflagrada nitidamente pela saudade do contexto sociocultural e familiar ao qual o migrante fazia parte antes da migração. Pois, para ele, o choque cultural enfrentado no ato da mudança intensificaria a percepção da perda e do afastamento do familiar, simbolizados pela solidão e saudade, sentimentos sempre exaltados nos estudos sobre migração (Menezes, 1978; Sales, 1991; Ferreira, 1996; Rebello, 1997). Como afirma Bianco-Feldman:

“[...] Estas memórias estão intrinsecamente associadas às camadas de tempo e espaço anteriores à emigração, ou seja a ‘saudade da terra’”.[...] “Em qualquer parte do mundo, imigrantes são considerados por suas elaborações de imagens da terra natal sentimentalizada em canções, poesias e narrativas.” (1992,p.35 e 46)

Ao afastar-se de seu contexto sociocultural, o migrante precisa criar referências e mecanismos para lidar com os percalços da migração, pois seus antigos estratagemas não mais dão conta de sua nova realidade neste outro lugar. Assim, precisa

introjetar conteúdos do novo contexto, para **elaborar**⁴ saídas para suas atuais necessidades e experiências, salvaguardando a integridade do Eu. Menezes (1976) em seu estudo comenta sobre as mudanças decorrentes do processo migratório:

“[...] a transferência física de uma pessoa implica não só numa mudança de posição no sistema de relações sociais como também no rompimento com uma realidade que se apresenta conhecida, rotineira e pragmática, a realidade da vida cotidiana.” (p.12)

Retornando as narrativas percebemos como se desenvolvem as mudanças e os rompimentos na vida e no viver de nossos entrevistados:

“ Quando eu cheguei aqui, era angustiante ficar à toa, eu estava em pique de residência (refere-se à vida agitada e corrida dos médicos residentes). Então, deixava muito a desejar, sem vida social, sem agitação, não a agitação de boite, mas uma vida mais acesa. As coisas não funcionavam do jeito que eu queria, até porque não existia matéria-prima para esse funcionamento. Comecei a dar uma freada, ver melhor a realidade do estado, dos centros de saúde, dos profissionais. Porque até isso é diferente. Lá embaixo, os auxiliares de enfermagem têm um nível, aqui eles têm outro completamente diferente.” (garimpeiro I)

“ Existem muitas dificuldades, não só minhas, não só na área da saúde, mas no todo. Por exemplo, o fato daqui ser isolado do resto do Brasil, como costuma se falar, as coisas se processam de um forma muita lenta e isso deixa muito a

⁴ Termos psicanalíticos que significam: Introjeção- “O sujeito faz passar, de um modo fantástico, de “fora” para “dentro”, objetos e qualidades inerentes a esses objetos.” (p.248); Elaboração- “Este trabalho consiste em integrar as excitações no psiquismo e em estabelecer entre elas conexões associativas.” (p.143). Ver em LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.B., (1970). **Vocabulário da Psicanálise**. Santos Livraria Martins Fontes.

desejar. Os planos da gente, não se concretizam com a vibração e o entusiasmo que a gente achava.” (garimpeiro IV)

“ Eu senti muita dificuldade de relacionamento com os meus colegas de trabalho, que também não eram daqui e já estavam há cinco, dez anos em Boa Vista. Eles rechaçavam qualquer profissional que viesse de fora e trouxesse coisas novas, pois estavam viciados, não sabiam trabalhar se não tivesse muito dinheiro envolvendo os projetos.” (garimpeiro V)

“ A diferença daqui é o comércio e a grande dificuldade da gente é com a alimentação e o vestuário, aqui tudo é mais caro e de má qualidade. Outro problema é a moradia, pois as casas daqui são bem diferentes das de lá de baixo (refere-se as regiões sul e sudeste do país), o tipo de casa.” (garimpeiro VII)

Logo, lançar-se ao novo, ao diferente também geraria dor e desconsolo, por se estar longe daquilo que era familiar e próximo, como cultura, família, amigos, impulsionando o migrante a seguir em sua trajetória de ganhos, perdas, ausências e faltas, representada pelo contexto do provisório-permanente, do desejo de retorno. Ao chegar na cidade de destino, percebe que seus espaços e vazios existenciais não podem ser preenchidos, a cidade almejada não é a cidade ideal, e nem nunca será, tornando-se o migrante um eterno insatisfeito, à procura de seu espaço e local. Desta forma, prossegue em sua caminhada colocando metas, objetivos e planos a serem alcançados, utilizando-os como meio, mecanismo de estruturação e defesa, para as vicissitudes da vida, podendo ser visto e simbolizado como personagem máximo da trajetória e desenvolvimento humanos, e Ferreira (1996) nos auxilia nesta reflexão:

“Ao pensar a relação intrínseca do ser humano com o outro, com o tempo, com o espaço e com as perdas, vimos o migrante como um companheiro mítico. Ao deixar para trás seus objetos e espaços preciosos, para construir em outro lugar o seu devir, ele experiencia de forma mais dramática um itinerário que é de todos nós. Para forjar nossa consciência, nossa autonomia e nosso devir, temos que elaborar nossas perdas e estabelecer alianças com a diferença do outro, que também vive em nós” (Ferreira, 1996, p.240).

4.4 O Novo Contexto

O Provisório-Permanente

“Não sei se é descontínuo, mas é muito provisório. Eu nunca pensei em ficar, eu não considero descontínuo, porque eu nunca pensei em ir ou ficar. Na verdade eu continuo querendo ir, eu só não fui ainda... Eu demorei muito para montar o consultório, porque eu tinha idéia de voltar em dois anos, a princípio. Hoje eu quero voltar, mas não tenho data para isso acontecer. Por isso eu não investi realmente aqui, porque eu tinha idéia de voltar em dois anos e pronto.”(garimpeiro I)

“A realidade encontrada aqui trouxe insegurança, tanto que eu mantenho um pé lá. Você tem um certo lá, um certo aqui, mas tem que criar certeza aqui. De qualquer maneira, é uma decisão que fica pro ano que vem (a decisão de continuar ou retornar). E vai empurrando, não há nada na vida como o tempo...” (garimpeiro II)

“ O permanente às vezes é uma coisa utópica, distante, a gente sonha com o permanente. Mais segurança, crescer num lugar, fincar raiz, como se fosse uma planta, mas não é possível, existe uma biodiversidade, e o resto é espaço, a gente às vezes consegue, às vezes não. E a provisoriedade relacionada à cooperativa é que me incomoda, porque se eu cair doente, meu salário seria reduzido à quinta parte do que ganho, porque só essa parte é permanente, me garante o direito de adoecer. A falta de segurança e estabilidade da cooperativa incomodam bastante... Nós estamos inseridos num contexto social, então, esse sonho acaba não dependendo só de você, sendo difícil colocar se é provisório, se é permanente.” (garimpeiro III)

“A maioria das pessoas com que eu convivo vem de uma outra estrutura e de repente se vê naufragado aqui, e quer sair, quer fazer um pé de meia, alguma coisa para o estado, mas não deseja ficar. Eu não penso em ficar aqui para sempre.” (garimpeiro IV)

“Eu já tinha passagem para voltar, era uma certeza que eu jamais poderia deixar de ter. Ter uma passagem já paga na minha mão, para voltar. Isso me dava uma segurança, porque eu sabia que se qualquer coisa desse errado eu tinha certeza que eu poderia voltar, mesmo se não tivesse um centavo. Foi uma das coisas que eu nunca fiquei sem, a minha passagem de volta.” (garimpeiro V)

“Eu não consigo pensar nesta palavra aqui (permanente), eu me nego a pensar nesta palavra aqui, permanente não! O provisório-permanente, acho que são as circunstâncias, essa eu consigo pensar. São circunstâncias que te seguram, as coisas vão melhorando, você vai se estabilizando e acaba ficando mesmo. Meu tio está nessa há vinte anos, vive dizendo que vai embora, mas permanece aqui.” (garimpeiro VI)

As narrativas acima nos confirmam o desejo de retorno ao contexto sociocultural do migrante e a influência do contexto da nova cidade reforçando ou mesmo estimulando esse desejo. A instabilidade gerada pela cooperativa de saúde, que não estabelece nenhum vínculo oficial, como a assinatura de um contrato que dê garantias trabalhistas a esses profissionais, é considerada como grande fator negativo, e gerador de insegurança. Sendo assim, vemos surgir a teia do provisório-permanente, onde o desejo de retorno existente desde a partida, é intensificado pelas dificuldades

encontradas no novo lugar, mas outras situações e acontecimentos levariam o migrante, embora insatisfeito, a permanecer nesta cidade.

Como nos salientou Ferreira (1996), toda migração implicaria “em rupturas de ligações e confrontos de valores e de sistemas simbólicos” (p.84), levando o migrante a criar outras formas para explicar e representar os fenômenos vivenciados com a mudança. Assim, elaboraria novos mecanismos e sistemas de valores para dar conta da nova realidade, que passariam a referendar o mundo no seu novo local. Talvez por isso sinta tanta dificuldade em retornar a seu antigo contexto, mesmo com as insatisfações do atual.

As dificuldades de retorno do migrante, como o seu desejo em realizá-lo, é bastante discutida entre os pesquisadores deste tema, que afirmam que na maioria das correntes migratórias, o retorno não seria mais possível, criando-se a tendência destes se fixarem na cidade para qual migraram, sem deixarem no entanto, de idealizarem um possível retorno (Sales 1991) e Rebello (1997) faz um alerta sobre esta dificuldade de retorno:

“Podemos pensar que não há retorno possível para o migrante que já experimentou um rompimento, uma “morte”, uma cisão. Fazer de volta o mesmo percurso, significaria retomar memórias que foram “silenciadas”, pondo em risco toda a sua integridade”(Rebello, 1997, p.73).

O Tempo

“Acho que perdi muito da minha agilidade, eu era bem mais rápida. Em São Paulo, eu acordava às seis horas da manhã, às sete já estava no hospital, já aqui, entrava no serviço às oito, quando não entrava às oito horas e trinta minutos. A impressão que dá é que se está perdendo tempo.” (garimpeiro I)

“A velocidade é diferente, lá (São Paulo) você tem uma velocidade maior, aqui você pára e anda. Cada dia que você anda, mesmo que seja no Rio ou em São Paulo, você fica dois anos atrasado, aqui você fica seis. Eu brinco às vezes que o tempo aqui custa a passar.”(garimpeiro II)

“Ter contato com outras pessoas, culturas, mesmo o fato do índio, é interessante. A gente chega aqui e vê que tem um povo que ainda vive na idade da pedra, como os ianomamis. [...] Todo lugar onde as pessoas têm muito tempo ocioso, se fala muita besteira. A minha cidade é um polo industrial, então, não tem muito movimento, pois está todo mundo trabalhando, ocupado, não sobrando tempo para ficar nas calçadas ou nos portões conversando, como aqui.” (garimpeiro III)

“Por ser isolado do resto do Brasil, como costuma se falar aqui, as coisas se processam de uma forma muito lenta, e isso deixa muito a desejar. Eu fiquei dois anos mais velha, em São Paulo não daria tempo de perceber.” (garimpeiro IV)

“Eu acho que três anos de Boa Vista significam seis anos lá fora (regiões sul e sudeste do Brasil), em termos de experiência profissional principalmente. Aqui

você trabalha contra a máquina, brigando contra as circunstâncias e sem recurso nenhum.” (garimpeiro VI)

Como nos textos pesquisados sobre a migração, as narrativas de nossos migrantes nos remeteram às categorias tempo e espaço, que no presente trabalho encontram-se inscritas na metáfora do provisório-permanente. Percebe-se, então, que ver a sua situação como provisória na cidade de Boa Vista, ajudaria o migrante a localizar-se no tempo, pois estaria estipulando um período destinado a sua nova condição e a este novo lugar, que apresenta um ritmo temporal diferente do vivenciado em seu antigo contexto. Assim, haveria duas temporalidades distintas percebidas pelo migrante: a do seu lugar e a do novo lugar, onde o ritmo lento da nova cidade o levaria a uma defasagem cultural que contribuiria para sua permanência, visto que, sente-se ultrapassado ou fora do contexto de sua antiga cidade, com o passar dos dias. Tal diferenciação de temporalidade é comparada às narrativas migrantes, encontradas em estudos como os de Menezes (1976), Ferreira (1996), Rebello (1997) entre outros, que ressaltam as alterações vivenciadas com a mudança do campo para a cidade:

“Na multiplicidade de subjetividade percebemos que construir um novo espaço, num outro tempo força o confronto, põe em relevo as dualidades rural \ urbano, natureza \ cultura, eu \ outro.” (Rebello, 1997, p. 79)

Partindo, então, da própria situação migrante, vemos demarcados por nossos sujeitos, limites que definiriam suas posições no mundo, pois delimitaram seus processos, experiências e desejos, utilizando como marco referencial a mudança, ou seja, o antes e o depois da migração, bem como o desejo de retorno à sua cidade ou o desejo de saída da nova cidade. Assim, teríamos passado, presente e futuro representados pela nova e atual situação, a de migrante, aquele que está fora, e este estar fora, em alguns momentos dos discursos coletados, significaria estar alheio, de fora dos acontecimentos e realidade do “mundo lá debaixo”, do mundo desenvolvido das regiões sul e sudeste do país, estando portanto, fora de seus espaços e tempos.

Outro comentário que poderíamos tecer sobre a provisoriedade migrante, refere-se à suposta segurança que o sentir-se de passagem gera, ao camuflar a perda ou o afastamento do familiar gerado pelo deslocamento geográfico. Assim, o estar provisório na nova cidade reduziria as angústias e sofrimentos advindos da mudança de contexto sociocultural, incentivando o migrante a continuar em sua trajetória, na busca de seus objetivos e conquista.

4.5. O Mecanismo

Não Posso Parar...

Não, não, não posso parar.

Se paro, eu penso,

Se penso, eu choro.

Não, não, não posso parar...

(Moacir Franco)

“ Não é muito interessante ficar pensando, porque eu posso não chegar e desistir antes, acho que é uma forma de defesa... Namorar foi um mecanismo. Procurar alguma coisa que está faltando, como religião, trabalhar, estudar e sair de Boa Vista nos finais de semana em que não estou trabalhando. Até um tempo atrás, eu trabalhava todo sábado no consultório, porque é um dia tranquilo e eu não fazia nada, então, trabalhava.” (garimpeiro I)

“ Você se embrenha em ler e trabalhar e na hora em que fica chato você liga para casa, conversa uma ou duas horas, mas é diferente, mas você conversa e vai tentando uma válvula de escape. Preenche todo o tempo possível para não ficar pensando.” (garimpeiro II)

“...Eu sempre fui de parar muito para pensar, sair andando. Às vezes eu estou de cabeça quente, pego a bicicleta vou andar à noite, vou pensando. Mas aqui,

cada vez faço menos, estou trabalhando num ritmo, que não sobra tempo.”(garimpeiro III)

“ Aumentei minha carga horária, e tenho vontade de aumentar cada vez mais. O trabalho é a peça onde você se apoia, eu acho que é um jeito de poder agüentar, sei lá.” (garimpeiro IV)

“ Eu ganhava bem, então a cada quatro meses eu ia para casa inclusive quando eu achava que estava entrando em depressão, eu viajava. Passava uma semana, e voltava.” (garimpeiro V)

“ O dia-a-dia, o convívio do dia-a-dia, trabalho, alguma coisa de literatura, um bate papo e uma farra caseira.” (garimpeiro VI)

“ No meu caso, a saudade é controlada pelo trabalho, é o trabalho que ajuda. A gente trabalhando muitas vezes disfarça, tira esse negócio da cabeça.” (garimpeiro VII)

Estas narrativas nos fizeram lembrar da cantiga mencionada na epígrafe do capítulo, usada em acampamentos de colégios militares, por seus alunos, como forma de estímulo, para não desistirem de tarefas e desafios impostos por seus superiores. Utilizavam a pequena canção para ocuparem o tempo e a cabeça, como um forte refrão para conseguirem chegar ao fim do caminho, sem contudo apagarem as marcas deixadas por tais desafios, que até hoje são exaltadas e lembradas como duras e necessárias conquistas para o desenvolvimento pessoal e profissional, imprescindíveis à carreira militar, visto que, estes acampamentos também geravam sofrimento, luta e desafio e a cada dia encontravam uma surpresa e um obstáculo que precisavam superar ou resistir.

Percebemos, então, a grande semelhança entre o não pensar, para não chorar dos alunos em acampamento e do não pensar na situação migrante, vivenciada por nossos entrevistados, usando o trabalho e o preenchimento total de seu tempo como forma de não desistirem de suas metas.

Vemos, então, que os sujeitos de nossa pesquisa foram criando mecanismos e saídas para tentarem se adaptar ao novo contexto, ou pelo menos suavizar as dificuldades encontradas e vivenciadas com a nova realidade. Deixar de pensar, ocupar todo tempo disponível, entrar em contato com a família que está longe, bem como viajar e trabalhar, parecem ser as principais saídas encontradas para suportarem a atual situação, já que o lazer e a parte cultural da cidade de Boa Vista, deixam muito a desejar, não servindo como mecanismo.

No entanto, é no trabalho que eles parecem se apoiar, aumentando a carga horária, elaborando ou vislumbrando projetos que possam desempenhar em seus ambientes de trabalho, ocupando desta forma suas mentes com pensamentos voltados para o profissional, impedindo que outros tomem conta, levando ao desânimo e ao abandono de ideais e metas, elaborados para a nova cidade. Não pensar, significaria uma forma de negar a condição migrante, de Eu deslocado, de sujeito afastado de seu contexto e referência.

Logo, a negação⁵ seria o mecanismo⁶ utilizado pelos migrantes para suportarem tais dificuldades e não desanimarem antes do tempo. E como já foi mencionado, nossos sujeitos a princípio negaram a própria condição de migrante, delegando a um outro este papel, ao nordestino. Desta forma, representaram a utilização deste mecanismo de defesa pelo ato de não pensar na situação que estavam vivenciando, preenchendo todo tempo disponível com o trabalho, segundo eles, a verdadeira meta que possuíam. Com este comportamento impediam, que pensamentos e idéias negativas à cerca da condição de estrangeiro, pudessem perturbá-los, levando a não realização dos planos e metas formulados para a estada em Boa Vista.

⁵ Mecanismo de defesa do ego, verificado por Freud em seus pacientes histéricos. Ver em LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.B., (1970). **Vocabulário da Psicanálise**. Santos Livraria Martins Fontes.

⁶ Estamos nos referindo aos mecanismos de defesa, termo psicanalítico utilizado por Freud para conceituar que os fenômenos psíquicos que apresentariam diferentes tipos de operações para especificar a defesa a ser utilizada

Percebemos, então, através das narrativas, que o deslocamento geográfico ocasionaria um deslocamento do Eu. O eu deslocado precisa criar novos mecanismos e estratégias para lidar com as vicissitudes da migração geradas pela nova condição, pois os conteúdos fornecidos por seu contexto sociocultural não mais dão conta de suas necessidades e experiências na nova cidade. Precisariam, portanto, introjetar os conteúdos do novo contexto para elaborar novos meios e saídas para salvaguardar o Eu, mas a negação da condição imigrante dificultaria esta elaboração (processo de desidentificação). (Ferreira, 1996)

4.6 Uma Escolha, uma Renúncia

“ Eu sinto falta da minha família, principalmente da minha mãe, de casa, de minhas amigas. Mas não é uma falta que me atrapalhe, é uma falta que eu não tenho necessidade de continuar sentindo. Porque quando eu cheguei aqui já vim meio preparada para não ter as pessoas que tinha lá (São Paulo).” (garimpeiro I)

“ Quem vem de um grande centro tem problemas de adaptação, por causa do referencial. Você tem que baixar um pouco a bola, pois quem teve acesso a informação, quer sempre mais.” (garimpeiro II)

“ Eu sou funcionário público e tive algumas dificuldades para conseguir a liberação (refere-se ao pedido de licença e transferência que precisou fazer para se mudar para Roraima) e minha esposa também era funcionária pública. Eu possuía um vínculo federal e outro municipal e ela era do estado. Conseguimos a licença sem vencimento no município e no estado, e a minha transferência para Boa Vista, pelo vínculo federal. Só que o prazo venceu e tivemos que pedir exoneração.” (garimpeiro III)

“ Quando retorno a São Paulo, vêm todas as dificuldades dos tempos que eu passei por lá e queria sair. Mas eu gosto das coisas que têm lá para me divertir: dos passeios, cinema, teatro. Essas coisas da vida, da gente ficar um pouco mais chique, se arrumar mais, eu gosto. Além dos meus pais estarem lá, é a minha terra.” (garimpeiro IV)

“ A oferta salarial era tentadora, eu vim para receber cinco vezes mais do que eu ganhava em Curitiba. Então, financeiramente melhorou, mas profissionalmente, eu estacionei, parei desde que saí de lá. Isso para mim foi muito negativo, sinto falta de uma reciclagem.” (garimpeiro V)

“ Embora eu tenha conseguido me estabilizar relativamente, é tudo muito longe, eu estou muito longe da minha família, de grandes amigos. Você constrói todas as suas relações e deixa tudo, para tentar construir isso tudo em outro lugar, é muito difícil.”(garimpeiro VI)

“ Logo no início você sente aquela falta, das coisas que você tinha lá, e não tem aqui.” (garimpeiro VII)

O título acima foi escolhido em alusão ao filme *Intersection - Uma Escolha*, uma *Renúncia*, de Mark Rydell (1994), comentado por um paciente nosso em processo terapêutico. O filme fala do dilema enfrentado por um bem sucedido arquiteto: continuar com a esposa e a filha ou recomeçar a vida ao lado de sua amante. Esta obra representa de forma clara a busca e as dúvidas existenciais dos seres humanos, que desejam o prazer, mas temem as perdas e renúncias destas futuras conquistas, nos transmitindo a realidade de nossas escolhas e desejos, a necessidade de estarmos atentos para a responsabilidade ao optarmos por uma situação em detrimento a outra, ou seja, a eterna incompletude e insegurança que acompanham a nossa formação e desenvolvimento psíquicos.

E foi baseado nessa premissa de que uma escolha exige automaticamente uma renúncia, que analisamos as narrativas de nossos migrantes, como exemplo do processo de mudança que ao mesmo tempo, gera dor e prazer; angústia e satisfação.

Segundo os migrantes, ao partirem, fizeram uma escolha que resultou na renúncia do convívio familiar, do acesso aos bens de consumo e serviço que um grande

centro proporciona, como opção de lazer, cultura, aperfeiçoamento profissional e a troca de experiência. Tudo isso em nome da conquista de independência, autonomia e busca pessoal, que não eram mais possíveis serem alcançados em suas cidades ou estados. Assim, perceberam que a migração foi em suas vidas uma mistura de perdas e ganhos, de conquistas e abandonos, deflagrando sentimentos como o da solidão, da insegurança, da satisfação pelo espaço conquistado na nova cidade, como pessoas e profissionais, além do ganho financeiro.

Logo, a busca pelo prazer⁷ que começa pela falta, recai em tantas outras faltas e ausências, decorrentes de escolhas e conseqüentes renúncias, visto que o novo exigiu o abandono e distanciamento do antigo e conhecido, dos referenciais até então, utilizados para o reconhecimento e diferenciação do eu.

As Novas Conquistas e Referenciais - O Familiar se Torna Estranho

“ As pessoas daqui, tanto os nativos, quanto os migrantes, acreditam mais num médico que é de São Paulo. Assim, estar aqui sendo de São Paulo é bem melhor. No entanto, você tem a impressão de que está perdendo tempo, de que as coisas estão acontecendo nos outros lugares e você não está acompanhando e seus dias estão indo embora.” (garimpeiro I)

“ A volta assusta, assusta todo mundo, então, você vai ter que dar um tempo para se readaptar e ver. Assusta, porque no decorrer do tempo você ganha por estar aqui, mas posso também está perdendo por ficar aqui. A instituição em que eu trabalhava (em São Paulo) precisou colocar alguém no meu lugar e essa

⁷ Estamos nos referindo ao Princípio do Prazer, segundo Freud, que seria a redução da quantidade de excitação. Ver em LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.B., (1970). **Vocabulário da Psicanálise**. Santos Livraria Martins Fontes.

“ pessoa está lá tocando, e em São Paulo você se recicla, faz uma troca, aqui não.” (garimpeiro II)

“ Não é difícil ser migrante aqui, em termos de oportunidade, esse é um estado que oferece oportunidade para quem vem de fora.” (garimpeiro III)

“ Aqui as pessoas realmente te reconhecem, te ajudam. A gente é bem recebido, é bem acolhido, acho que a importância se dá pela própria carência. Então, o serviço da gente se torna importante, as pessoas tentam agradar.”(garimpeiro IV)

“ As pessoas aqui da terra recebem bem a gente que é de fora.” (garimpeiro V)

“ Graças a Deus eu nunca tive problemas, fui bem recebida. A carência aqui é grande e a maioria dos profissionais, também é de fora.” (garimpeiro VII)

No entanto, conseguiram criar novos mecanismos para suportarem tais perdas, estando vinculadas a outros ganhos desejados e conquistados na nova cidade, criando-se também novos impasses, como o desejo de retorno se chocando com a satisfação do espaço profissional e pessoal atingidos com a migração. A decisão de retornar à suas regiões de origem, recaindo em novas renúncias, como a da fama, do reconhecimento ou do ganho financeiro. Sendo assim, nossos migrantes verbalizaram o atual dilema de suas vidas: permanecerem em Boa Vista e continuarem sendo os profissionais reconhecidos, imprescindíveis e bem remunerados, que são, ou retornarem para um centro mais desenvolvido que possa lhes proporcionar opção de lazer, cultura e aperfeiçoamento profissional, além da maior proximidade da família. No entanto, a saída de Roraima é entendida como ameaçadora, como um dia foi a chegada, pois não se sentem mais

pertencentes ao antigo local, já que a distância de Boa Vista em relação aos grandes centros dificultou o acesso a cursos, congressos e trocas com outros profissionais mais atualizados, gerando assim, um desnível entre os profissionais que são, e os que deveriam ser para retornarem ao Brasil⁸, além da vida tumultuada de uma grande cidade, situação a que talvez não consigam se readaptar, devido à tranquilidade de se viver numa cidade afastada e pouco desenvolvida, como é Boa Vista.

“E agora nós dois estamos (ele e a esposa) assim. Sabe, não adianta correr demais, a não ser que tenha uma oportunidade boa, aí sim, sairíamos de Boa Vista.” (garimpeiro III)

“ Eu iria com as crianças na frente e o meu marido ficaria aqui. Depois que eu estivesse arrumada, ele iria. Porque largar tudo, com três filhos, a gente não tem condições. Aqui, nós fomos bem aceitos no consultório, vamos bem no serviço, somos reconhecidos.”(garimpeiro IV)

“ Um dos motivos por que eu acho difícil sair daqui, é a defasagem profissional, porque se eu voltar hoje e for competir no mercado de trabalho, ficarei muito atrás, com certeza. A não ser, que eu consiga emprego no mesmo lugar onde já trabalhei, lá, o pessoal me conhece e sabe que eu posso desenvolver um trabalho.” (garimpeiro V)

“ Só que, para ir embora daqui não basta pegar a mala e bater de porta em porta, porque há outras coisas em que se pensar, não podemos sair na loucura e começar tudo do zero.” (garimpeiro VI)

⁸ Forma encontrada pelos migrantes para diferenciar o Estado de Roraima do grandes centros, onde as coisas e fatos segundo eles, realmente acontecem, ressaltando a distância geográfica e cultural que separa este estado dos demais.

“ A gente já tem um trabalho, já se adaptou, largar tudo isso para começar de novo, demora mais tempo, fica mais difícil.” (garimpeiro VII)

Nossos garimpeiros, então, entendem a volta a suas regiões como o abrir mão do espaço conquistado, voltando a ser mais um profissional que necessita começar de novo em sua trajetória para lutar por um lugar de reconhecimento e conquista.

Ao fazermos um paralelo, entre tais angústias e dúvidas, vemos se delinear em nossa frente a discussão do familiar versus estranho, que acompanhou toda nossa discussão sobre o processo migrante, visto que, o novo contexto e posição anteriormente vivenciadas como estranhas e ameaçadoras, hoje tornaram-se familiar e próximos, passando a ser estranho e duvidoso o contexto sociocultural a que pertenciam, por não se perceberem mais inseridos ou preparados para ele, como nos mostram as narrativas abaixo:

“Olha, é tão estranho, é muito estranho, porque é uma sensação assim: - puxa, eu queria tanto chegar, mas quando chego é tão diferente. Tem poluição, trânsito, eu acho horrível. Ficar na casa dos outros, sinto falta da minha casa, da liberdade de estar na minha casa, com o meu carro, independência. Estar na casa da minha mãe é bom, mas existe cobrança, para onde você vai, a que horas volta. Esse é o momento estranho.” (garimpeiro I)

“Claro que o retorno assusta, assusta todo mundo, você vai ter que dar um tempo para se adaptar. O contato com a cidade é bom e é ruim. Se tiver que voltar, fugiria do trânsito, arranjaria outras alternativas, helicóptero, centralizaria as atividades para fugir dessas coisas. Sairia daquele concreto todo.” (garimpeiro II)

“Toda vez que eu vou, fico preso em congestionamento e começo a amaldiçoar a cidade. Digo que nunca mais vou voltar. Acho que a última vez que tive por lá isso aconteceu muito comigo, eu já não me senti muito do lugar, as coisas vão mudando, é como se não fosse mais a casa da gente.” (garimpeiro III)

“Você vai para São Paulo, eu sei que em São Paulo e no Rio está difícil de viver, a gente cria até um certo medo, no primeiro instante, parece aquele cara do interior, aquele caipira que chega lá e se assusta. Aí, você sente saudade da calma, da tranquilidade do trânsito de Boa Vista, da parte pessoal, onde as pessoas realmente te reconhecem, te ajudam. De repente, voltar e ter teu lugar é apavorante, acho que quanto mais você fica aqui, mais você se desliga das coisas de lá, e se torna difícil voltar. Eu não sei como é voltar.” (garimpeiro IV)

“Quando eu constituí família aqui passei a sentir falta de Boa Vista. Ia, para a casa dos meus pais e me sentia uma visitante. Sentia falta do meu espaço aqui, quer dizer, essa raiz foi aos poucos se criando aqui, sem eu perceber. Só percebi quando cheguei em casa e me estranhei lá, me senti mais daqui do que de lá.” (garimpeiro V)

“Da primeira vez que eu fui, tive uma sensação estranha de não pertencer mais ao local. Cheguei de braços abertos e as pessoas estavam muito fechadas. Da segunda vez, eu já fui prevenida, para não ser bem recebida.” (Garimpeiro VI)

Verificamos que nossos migrantes ao criarem mecanismos e referências para a nova situação, recaíram em processo de desidentificação, “no trabalho de elaboração da identidade migrante” (Ferreira, 1996, p.160). Ou seja, abriram mão das identificações apreendidas ao longo de suas construções pessoais e individuais para dar lugar a um outro, incorrendo em processo de duplicação, para dar conta das novas exigências

surgidas pelo atual contexto, bem como das suas próprias necessidades e aspirações de mudança e conquista, como da independência, da autonomia e da busca de espaço e lugar próprios. Assim, a desidentificação seria entendida como processo desejado e necessário na trajetória migrante.

“Em relação ao migrante, vimos que ele tende a vestir uma nova indumentária para tentar se livrar daquela que ele portava anteriormente, neste sentido, o processo mais interessante no trabalho de elaboração da identidade migrante, é o processo de desidentificação, seja para dar conta do outro que ele assume, seja para reelaborar as encarnações anteriores” (op.cit., p.160).

4.7 Os Frutos do Garimpo

“Maturidade e experiência. Eu cresci muito no aspecto de convivência social, pois tive que fazer novas amizades, já tinha feito isso outras vezes, mas aqui é diferente, porque as pessoas são diferentes. E para mim, tem sido ótimo em termos de crescimento, tanto profissional, quanto de relacionamento afetivo. E essa situação de estar longe de casa, de estar numa cidade nova e diferente, de estar montando alguma coisa ou querendo montar, fazer algo que fique.” (garimpeiro I)

“Está valendo à pena, porque só está me enriquecendo, em termos de valor humano. Tanto que hoje, estou aqui, não pela opção do convite e sim pela opção daquilo que conquistei.” (garimpeiro II)

“É na experiência pessoal que a gente mais aproveita, na luta para tentar encontrar um lugar, onde a gente trabalhe, seja útil, onde as pessoas se relacionem com respeito mútuo. A gente vai passando por diversas experiências, tendo diversos contatos, o enriquecimento pessoal é muito grande.” (garimpeiro III)

“Eu acho que valeu à pena, na minha vida particularmente foi uma experiência que uniu muito a família. Eu conquistei um espaço até econômico, comprei minhas coisinhas, meu carro, minha casa. Vi que nos primeiros momentos difíceis agüentei firme.” (garimpeiro IV)

“Conquistei o meu espaço, e melhorei financeiramente.”(garimpeiro V)

“Está sendo uma experiência boa , era mais egoísta, estou mais tranqüila para resolver as coisas, mais segura, menos ciumenta. Formei uma família que é excepcional, não tem como não falar nisso. Eu adoro aquelas pestinhas, foi uma coisa muito importante na minha vida.” (garimpeiro VI)

Foi uma experiência boa, serviu para crescer mais como pessoa, como profissional. Eu recomendaria essa experiência a outras pessoas, pois ajuda o nosso interior, até na parte familiar. Ao se afastar da família você se torna mais auto-suficiente, e isso é bom para o crescimento do ser humano.” (garimpeiro VII).

Se a princípio, nossos garimpeiros representaram a migração através do sofrimento, dor, perdas e renúncias, ao final de nossa entrevista, verbalizaram o lado mais suave e benéfico da migração. Considerada, então, como um processo enriquecedor, visto que, pela mudança de contexto apreenderam outras formas de lidar com as adversidades. Atingiram um espaço de reconhecimento onde são valorizados e respeitados, sendo a autonomia e a independência da família, fatores exaltados como grandes conquistas.

Logo, a migração pode ser encarada como fenômeno representacional da trajetória humana, onde a necessidade de renúncias, perdas e ganhos levam o indivíduo a reelaborações psíquicas e sociais, para o equilíbrio e salvaguarda do eu, sendo a cultura e o meio em que está inserido grandes suportes identificatórios, para a elaboração de mecanismo para enfrentar e entender os fenômenos ocorrentes no mundo que o cerca. Ferreira nos ajuda a pensar esta questão ao esclarecer que:

“Enfocamos aqui a experiência migrante como representação dramática do movimento constituinte da subjetividade e da alteridade. A ruptura, a renúncia,

o deslocamento no espaço do outro e a reelaboração dessas experiências são exigências colocadas a todo ser humano para que possa se afirmar enquanto eu. Neste sentido, o migrante é um representante mítico da jornada que todos nós empreendemos em nosso devir de sujeitos” (Ferreira, 1996, p.06).

Fechemos nossos comentários sobre as narrativas migrantes dando vazão à própria fala de nossos personagens , que declararam como satisfatórias as entrevistas e encontros para abordagem de nosso tempo, recobertos de emoção, desabafo, formulações e reformulações acerca das experiências pessoais decorrentes da migração.

“Foi um situar dentro da história, na verdade a gente normalmente não faz muito isso, a não ser que alguém puxe pela gente. É sempre bom reavaliar, mas em algumas circunstâncias você coloca um objetivo, e reavaliar pode levar você a não atingir o objetivo. Reavaliar, pensar sempre é bom, mesmo a parte que incomoda.”(Garimpeiro I)

“Foi até gostoso, mas isso é de cada um, eu gosto de parar e pensar, sempre tive essa característica de me retirar um pouquinho, e ultimamente não estava dando tempo para fazer. Estou curtindo este tempo, não tenho mais nada para falar, mas fiquei com uma sensação positiva.”(garimpeiro III)

“Foi ótimo, eu fiz uma ‘psicoterapia’, foi terapêutico. Estou num momento em que há dez meses não vou a minha cidade, e falar sinceramente das coisas, não é com qualquer um que se pode falar.” (garimpeiro IV)

“Foi bom, gostei. É bom lembrar quando a experiência foi boa, no entanto eu digo que não existe experiência negativa, porque toda experiência nos ensina

alguma coisa. O sofrimento faz a gente aprender mais, crescer, do que só com que é bom.”(garimpeiro V)

“É muito gostoso, não é muito fácil às vezes, tranca um pouco. É bom lembrar os fatos gotosos.”(garimpeiro VI)

COMENTÁRIOS FINAIS

Concluindo a Garimpagem

O tema migração com suas várias opções e sentidos, foi pensado enquanto objeto de estudo, como fenômeno enriquecedor e às vezes necessário para o crescimento e desenvolvimento humanos, por propiciar ao indivíduo o deslocamento, seja geográfico e/ou psíquico exigido por sua sede de conquistas, transformações e mudanças. Assim, criou-se a metáfora do “provisório-permanente” para contextualizar o processo migrante, e baseado segundo a literatura pesquisada, no desejo de retorno e na conseqüente condição de provisoriedade que o migrante se impõe.

Foi partindo do desejo de entender as vicissitudes migrantes, originadas pelo afastamento do contexto sociocultural original, e as novas exigências do atual contexto, que tecemos nossa discussão sobre migração, saúde e os meios utilizados por tais indivíduos para amenizarem seus sofrimentos, determinando com isso seu adoecimento, ou não. Para tanto, nossa “garimpagem” literária percorreu os conhecimentos e teorias da Antropologia Médica e Cultural, da Psicanálise, bem como da própria Psicologia e da História, buscando unir os diversos olhares, para compreendermos de forma mais abrangente os fenômenos implicados na mudança de cidade e contexto.

Nosso trabalho contou com a colaboração indiscutível de nossos entrevistados, que gentil e produtivamente nos forneceram rico e encantador material para nossa análise e descobertas sobre o viver e o sentir migrantes. Utilizamos como instrumentos as entrevistas semi-estruturadas, a história de vida e a observação direta para coleta de nosso material, que foi analisado e comparado, a partir da análise indiciária, já que pretendíamos considerar as pistas, indícios, comportamentos e discursos, às vezes considerados irrelevantes, tecendo assim um panorama do que sente e passa o indivíduo deslocado de cidade, espaço e cultura.

Apreendemos nas narrativas de nossos sujeitos, questões importantes, que foram levantadas e relembradas de forma a emocionar e prender nossa atenção, tornando

as entrevistas momentos agradáveis e enriquecedores para nossa trajetória como pessoa, profissional e pesquisador .

Um dos primeiros pontos levantados em nossa investigação, se referiu ao motivo da mudança, que foi considerada uma necessidade interior, uma busca de espaço e de independência não atingidos satisfatoriamente em suas antigas cidades, além da proposta salarial e da atividade a ser desempenhada, serem bastante tentadoras.

Após definirem os motivos, partimos para a representação da migração que foi associada à pobreza, necessidade extrema de sobrevivência e falta de opção, e citaram o nordestino como símbolo de tal fenômeno, sendo este, considerado personagem místico da migração interna, exaltado em filmes, contos, músicas e principalmente no imaginário brasileiro, como representante do retirante nacional.

Assim, negaram a própria condição de migrante atribuindo a um outro, o nordestino, tal papel, visto que consideraram a mudança para a cidade de Boa Vista como uma escolha e não uma obrigação, além é claro, de pertencerem a regiões desenvolvidas e almejadas, como são as regiões sul e sudeste do Brasil. Com isso, vemos surgir através destas narrativas, as colocações feitas por Ferreira (1996) e Rebello (1997), que consideram a migração um processo alterativo.

No entanto, demonstraram de forma clara as dificuldades enfrentadas por eles, após a migração, mesmo entendendo-a como uma opção em suas vidas. Falaram das renúncias que precisaram fazer ao escolherem a mudança, principalmente o afastamento de tudo aquilo que era familiar, como costumes, hábitos, pessoas e mecanismos criados ao longo de suas construções como pessoa e profissional, para dar conta das adversidades da vida. Precisando refazer tais valores e mecanismos para enfrentarem o novo contexto e realidade, percebidos como algo ameaçador e estranho. Assim, ao procurarem seus espaços e autonomia, deixaram de lado as vantagens e benefícios de um grande centro, limitando-se à escassez cultural da cidade de Boa Vista, que não proporciona opção de lazer e entretenimento cultural, bem como aperfeiçoamento profissional, além de dificultar o acesso aos grandes centros (os verdadeiros ‘pólos de desenvolvimento e produção culturais e de conhecimento) por possuir uma localização geográfica desfavorável

Percebemos que toda escolha recai automaticamente numa renúncia, que poderia ser entendida como “ a natureza histórica do desejo, obrigatoriamente condenado à insatisfação” (Cesarotto, 1996, .125), à eterna insatisfação humana. Ao escolher o novo e estranho em detrimento ao velho e familiar, o migrante conquista um lugar e um valor na nova cidade, que o engrandece, e faz gerar outros impasses, como o desejo de retorno, se chocando com o medo da perda de seu espaço como profissional reconhecido e valorizado, que dificilmente terá, ao retornar à sua região, precisando para isso, reconquistar seu lugar e posição, no meio da multidão e da competição dos grandes centros. Sendo assim, o estranho (a nova cidade) torna-se familiar e o familiar (a antiga cidade) torna-se estranho.

A migração geraria no indivíduo a necessidade de reformular seus valores, crenças utilizados para representarem ou resolverem as situações adversas, logo a mudança de contexto exigiria do migrante uma transição psicossocial, onde terá que elaborar novas saídas e meios para dar conta das atuais demandas. Nossos entrevistados verbalizaram como mecanismo de salvaguarda do Eu, o mergulho no trabalho, como forma de não pensarem em sua situação de migrante, além de tentarem preencher todo tempo disponível com alguma outra atividade, ou mesmo criando projetos para desenvolverem em seus serviços.

Concluimos, então, que este comportamento ajudaria o migrante a reforçar sua estrutura psíquica livrando-o do adoecimento, já que optou por outra forma para dar vazão a seus sentimentos e sofrimentos advindos da migração. Assim, nossos migrantes ao contrário dos pesquisados por Ferreira e Rabello, não elegeram a doença como expressão de sua dor pelo afastamento do familiar, ao contrário, resolveram sobrecarregar suas mentes e corpos com atividades relacionadas a suas profissões. Vemos, então, que os mecanismos utilizados e escolhidos pelo migrante dependerão de seu background cultural (Helman, 1994), fornecendo conteúdos e valores que determinarão suas escolhas.

A questão do provisório apresentou-se através do desejo de retorno, presente desde a partida de nossos entrevistados que pré estipularam um tempo de permanência no estado de Roraima. Desta forma a mudança sempre esteve condicionada ao retorno, determinado e planejado antes mesmo do migrante conhecer a realidade da nova cidade.

Este tempo estaria ligado, então, ao tempo supostamente necessário para construírem a autonomia e a independência que foram buscar.

E ao defrontarem-se com o contexto da cidade de Boa Vista, baseado, no provisório, no temporário, pela política adotada por seus governantes e moradores, que em sua grande maioria também eram de fora, viram seu desejo de retorno ser reforçado. Assim, nosso pressuposto de que o desejo de retorno seria intensificado pelo contexto da nova cidade, viu-se confirmado pelas narrativas colhidas, que deixaram claro o desejo de não fixação nessas terras, investindo os frutos conseguidos em suas cidades ou regiões, para não criarem laços mais fortes com este estado, já que o consideravam temporário em todos os sentidos, por ele não suprir necessidades importantes, tais como: de lazer, de cultura, aperfeiçoamento profissional e a proximidade da família, como de outras cidades mais desenvolvidas. Mas tinham a clareza que o tempo estimado, há muito já tinha sido ultrapassado, ou seja, não haviam conseguido retornar no período planejado, criando-se, assim, a condição do provisório que permanece. Logo, a metáfora criada, nos remeteu à importância e ao sentido da temporalidade, visto que ela proporciona ao indivíduo uma segurança, a possibilidade de situar-se, ao estipular um tempo, um período para cada situação e acontecimento.

O tempo e o espaço seriam categorias bem demarcadas para o estudo da migração, já que o migrante passa a referendar os acontecimentos a partir da data da mudança, usando os termos antes e depois, para localizar-se no mundo. Estabelecendo também, diferentes temporalidades para distinguir a seu antigo local e a do seu novo local. Percebemos, então, que o contexto do provisório serviria como gerador de segurança, ao informar ao migrante que sua condição de Eu deslocado geográfica e psicologicamente, é uma condição passageira amenizando, assim, o sentimento de perda ou de afastamento do familiar. O achar-se provisoriamente na nova cidade, reduziria conflitos e angústias, que pudessem impedir o migrante de continuar em sua trajetória, na busca de seus objetivos e conquistas destinadas a cidade para onde migrou.

Ao finalizarem as narrativas sobre a trajetória migrante, “nossos garimpeiros”, nos confidenciaram que tal experiência significou um grande amadurecimento pessoal, visto que precisaram lutar com as próprias armas, para conquistarem seus espaços, de reconhecimento como pessoa e profissional em terras distantes e desconhecidas que

embora tenham gerado dificuldades e sofrimentos, serviriam para fortalecê-los, demonstrando a capacidade que possuem de ultrapassarem seus próprios limites. Consideraram também o afastamento da família e de seu meio, fatores preponderantes para o crescimento e descoberta pessoais.

Acrescentaram, ainda, que o remontar de suas histórias estimulado por nossos encontros, proporcionou interessantes associações e conclusões, que até então, não tinham feito, por tentarem não pensar em sua condição de migrante. As entrevistas serviram como momentos de desabafo , formulações e reformulações de fatos e acontecimentos às vezes esquecidos ou deixados de lado pelo mergulho total às atividades profissionais que os impedia de relembrem suas histórias, recobertas de aventura, alegria, sofrimento perda e conquista. Logo, História possui o fascínio do contato com o outro, de construir e reconstruir vivências e experiências que marcaram uma época.

BIBLIOGRAFIA

- Almeida Filho, Naomar M.(1987). Epidemiologia social das desordens mentais. In N. R. Costa & S. A. Tundis (orgs). **Cidadania e loucura**. Petrópolis: Vozes
- Barbosa, Reinaldo I. (1993). Ocupação humana em Roraima II. Uma revisão do equívoco da recente política de desenvolvimento e o crescimento desordenado. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, série antropol., 9(2); 177-197.
- _____. (1994). Ocupação humana em Roraima I. Do histórico colonial ao início do assentamento dirigido. **Boletim do Museu Emílio Goeldi**, série antropol., 9(1): 123-144.
- Bastos, F. I. & Barcelos, C. (1995). Geografia social da AIDS no Brasil. **Revista de Saúde Pública**, 29(1): 52-62.
- Birman, Joel. (1991). Apresentação: interpretação e representação na saúde coletiva. **Physis**, 1(2); 7-22.
- Brandão, Carlos R. (1986). **Identidade e Etnia: construção da pessoa e resistência cultural**. São Paulo: Brasiliense.
- Brasil, Amazonas. (1997, 19 de maio). “Até tu, Brutos!”. **Roraima Hoje**, p.3.
- Bremaeker, François E. J. de (1997). Evolução demográfica dos municípios das regiões metropolitanas brasileiras segundo base territorial de 1997. **Série Estudos Demográficos**, n.19. Rio de Janeiro. IBAM.
- Camargo, Júnior Kenneth. (1992). (Ir)racionalidade médica: os paradoxos da clínica. **Physis**, 2(1): 203-228.
- Cardoso, Maria H. C. de A. (1989). **Quando a madrugada chegar esta noite será memória também – a construção de fontes orais e a historiografia: um estudo de caso**. Tese de mestrado (História do Brasil), UFRJ. Rio de Janeiro.
- Castiel, Luiz D. (1996). **Moléculas, Moléstias e Metáforas – o senso dos humores**. São Paulo. Unimarco.
- Cesarotto, Oscar (1996). **No Olho do Outro (“O Homem da Areia” segundo Hoffman, Freud e Gaiman)**. São Paulo: Editora Iluminuras
- Clauvreul, Jean (1983). **A Ordem Médica**. São Paulo: Brasiliense.

- Cruz Neto, Otávio. (1996). O trabalho de campo como descoberta e criação In M. C. de S. Minayo(org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes.
- Da Mata, Roberto.(1978). O ofício de etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”. In E. de O. Nunes (org). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar editores.
- Eisemberg, Leon. (1977). Disease and illness. Distinctions between professional popular ideas of sickness. **An Culture, Medicine and Psychiatry**, 1:9-23.
- Feldman-Bianco, Bela (1992). Saudade, imigração e a construção de uma nação (portuguesa) desterritorializada. **Revista brasileira de estudo de população**. Campinas, 8(1/2); 35-49.
- Ferreira, Ademir P. (1996). **A migração e suas vicissitudes: análise de uma certa diversidade**, Tese de doutorado (Psicologia Clínica), PUC. Rio de Janeiro.
- Ferreira, Ademir P. (1994). “O Migrante “na Pele do Outro”: o espaço de estranhamento e duplicação”. Rio de Janeiro, **Informação Psiquiatra**, 13(2): 41-80.
- Ferreira, Ademir P. (1995). “Memória Migrante: entre o devaneio lírico e o recalçamento do passado”. Rio de Janeiro, **Informação Psiquiatra**, 14(2): 68-71.
- Ferreira, A. B. H. (1986). **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Freitas, Aimberê (1996). **Geografia e história de Roraima**. Manaus: Grafima.
- Freud, Sigmund. (1919). “O Estranho”. **Obras Completas**, Vol. XVII. Rio de Janeiro. Imago, 1976.
- Ginzburg, Carlo. (1991). **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras.
- Gureschi, Pedrinho A. (1995). “Sem dinheiro não há salvação”. In S. Jovchelovitch & P. A. Guareschi (orgs). **Textos em representações sociais**. (pp 191-257). Petrópolis: Vozes.
- Helman, Cecil G.(1994). **Cultura, saúde e doença**. (E. Mussnich trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Herzlich, Caudine. (1991). A problemática da representação social e sua utilidade no campo da doença. **Physis**, 1(2): 23-36.

- Jovchelovitch, Sandra. (1994). Vivendo a Vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In S. Jovchelovitch & P. A. Guareschi (orgs). **Textos em representações sociais**. (pp 63-85). Petrópolis:Vozes.
- Kleinman, A. Eisenberg, L. & Good, B. (1978). Culture, illness and care clinical lessons from anthropologic and cross cultural research . **Ann Int. Med.** , 88, 251-258.
- Kleinman, Arthur. (1996). **Patients and healers in the context of cultural**. Berkeley: University of California Press.
- Lee, Fu I. Wang, Y. P. & Matarazzo, E. B. (1991). Psicose reativa aguda e imigração. **Informação Psiquiátrica**, 10 (2); 41-44.
- Leibing Annette. (1996). Brasil double-bind: loucura e cultura. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, 45(1), 3-6.
- Menezes, Cláudia C. de S. (1976). **A mudança: análise da ideologia de um grupo de migrantes**. Rio de Janeiro: Imago.
- Minayo, Maria C. de S. (1992). **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo. Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco.
- _____. (1995). O conceito de representação social dentro da sociologia clássica. In S. Jovchelovitch & P. A. Guareschi (orgs). **Textos em representações sociais**. (pp. 89-112). Petrópolis: Vozes.
- _____. (1996). Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In M. C. S. Minayo (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. (pp 9-29). Petrópolis: Vozes.
- Noronha, Marcos. (1988). A etnopsiquiatria e o reconhecimento do saber popular. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, 37(2): 113-115.
- Oliveira, Juarez de C. (1991). Breves notas sobre a concentração populacional brasileira em 1991. **Análises preliminares do censo de 1991**.
- Piore, Michael. (1979). **Birds of passage: migrant labor and industrial societies**. Cambridge at University.
- Rabinovich, Elaine P.(1997). A casa como tempo: a bilheira e as três temporalidades. **Psicologia , Ciência e Profissão**, 17(3),2-11.

- Ramalho, José M. B. (1985). **Transformação de Roraima e Amapá em estados: viabilidade**. Tese de mestrado (Estudo de problemas brasileiros), UERJ, Rio de Janeiro.
- Rebello, Lêda M. de V. (1997). **O banzo do migrante: embates e ressonâncias da mudança**. Tese de mestrado (Saúde Pública). ENSP-FIOCRUZ. Rio de Janeiro.
- Revista Veja, edição 1537, nº 31, de 11 de março de 1998. **Fuga para o Interior**. Editora Abril.
- Renner, C. H. & Patarra, N. L. (1980). Migrações. In L. F. Santos & M. F. Levy, Sznricsangi (orgs). **Dinâmica da população: teoria, métodos e técnicas de análise**. São Paulo: T. A. Queiroz.
- Rorty, R. (1991). **Contingencia, ironia y solidariedad**. Buenos Aires: Paidós.
- Sales, Teresa. (1991). Novos fluxos migratórios da população brasileira. **Revista Brasileira de Estudos de População**. Campinas, 8(1/2); 21-32.
- Santos, Milton. (1989). **Manual de geografia urbana**. São Paulo: Hucitec.
- _____. (1994). **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec.
- Servalho, Gil. (1993). Uma abordagem histórica das representações sociais de saúde e doença. **Cadernos de Saúde Pública**, 9(3): 349-363.
- Sontag, Susan. (1984). **A Doença Como Metáfora**. Rio de Janeiro: Graal.
- _____. (1989). **A AIDS e Suas Metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras.
- Souza, Laura S. N. (1998). **Somatizadores: narrativas de encontros e desencontros**. Dissertação de mestrado (Saúde Pública), ENSP-FIOCRUZ. Rio de Janeiro.
- Spink, Mary J. (1995). Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In S. Jovchelovitch & P. A. Guareschi (orgs). **Textos em representações sociais**. (pp 117-148). Petrópolis: Vozes.
- White, S. (1994). **Tópico do discurso: ensaio sobre a crítica da cultura**. São Paulo: EDUSP.
- Woortmann, Klass.(1990). Migração, família e campesinato. **Revista Brasileira de Estudo de População**. Campinas, 7(1); 35-53.
- Uchôa, Elizabeth. (1994). Antropologia médica: elementos conceituais e metodológicos para uma abordagem da saúde e da doença. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, 10(4): 497-504.

Vaistman, Geni.(1994). **Flexíveis e Plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós modernas**. Rio de Janeiro: Rocco.

Velho, Gilberto. (1978). Observando o familiar. In E. O. Nunes (org). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro. Zahar editores.

_____ (1979). O estudo do comportamento desviante: a construção da antropologia social. In G. Velho (org.). **Desvio e divergência: uma crítica a patologia social**. Rio de Janeiro. Zahar Editores.

